FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O ESP
Data 01/07/1975
Pág.

Pasta n.º
N.º do recorte 0082

ANO INTERNACIONAL DA MULHER: a professora-mãe-mulher luta ainda com esperanças

Irêde A. Cardoso

ESP SP

Neste ano Internacional da Mulher, precisamente no dia 22 de julho passado, encontrei-me na sala de espera do gabinete do secretário da Educação do Município. Foi lá, às 16h30, que vi d. Júlia, uma triste professora primária da Prefeitura. Ela chorava e seu rosto trágico era marcado por uma vida de árdua luta e ausência de recompensas por parte das autoridades. Ela estava com medo de ser descomissionada, de uma hora para outra. Além disso, o Estatuto do Magistério Municipal definira uma série de normas e restabelecera a promoção de professores portadores de títulos universitários e d. Júlia nunca tivera recursos para pagar uma escola, com os parcos vencimentos que recebe: há o aluguel, os alimentos, as roupas, a condução...

A condição

O Brasil tem 777 mil professores, e o Município de São Paulo dez mil: a maioria deles, podemos dizer, quase todos, sofrem com a situação profissional. Mas são as mulheres que sofrem mais:

"Meu marido — diz d. Sônia, de 26 anos — já está pensando em separar-se de mim, porque não me vê em casa quase nada; premida pela necessidade de fazer uma escola superior, tenho que assistir às aulas à noite, com o que ele não se conforma. Ocorre que nosso orçamento é muito pequeno e estamos passando dificuldades. Além disso, gosto de estudar".

A mulher, além de sofrer uma enorme discriminação no mercado-de-trabalho, no qual, quando consegue um emprego, sempre ganha menos que seus parceiros masculinos, passa também pela pressão familiar, situação essa que se prolonga insuportavelmente, exigindo dela uma coragem redobrada para alcançar a independência a que tem direito todo ser humano.

Entre as professoras, a situação é ainda mais complicada. Não foi sem razão que d. Júlia, já com 39 anos, ao responder se era casada, disse com um sorriso pálido "felizmente, não".

Esperanças

Apesar de todos os problemas enfrentados pelas mestras, começam a despontar agora algumas esperanças oriundas da abertura de mentalidade para as novas teorias pedagógicas. Se antes as mestras eram responsabilizadas pelas taxas de repetência de seus alunos, sabe-se, atualmente, que tal problema é consequência da carência nutricional e cultural trazida pelas crianças, a maioria delas provindas de famílias de baixo poder aquisitivo.

As professoras estão cansadas de saber que nada poderão fazer com suas lições se os alunos se debruçam na carteira, pálidos de fome, numa subnutrição secular, de pais, mães, avós. Eles começaram a sofrer antes mesmo de nascer. Chegam ao mundo já carentes e vão receber, na escola, a mesma programação destinada às crianças bem alimentadas e de pais cultos. É claro que não podem. Mesmo que a professora, dando vôo à imaginação criadora, procure rebaixar o currículo, pegando na mãozinha trêmula da criança desamparada. Não adianta: a criança desnutrida — e agora as autoridades estão levando tal fato a sério — apresenta enormes deficiências, com prováveis lesões cerebrais, muitas vezes irreversíveis, além da pobreza cultural do meio em que vivem não lhes permitir sequer um desenvolvimento motor satisfatório para pegar no lápis:

Que posso fazer com a Aninha — indaga triste, d. Esmeralda, de 24 anos — ela caminha vários quilômetros para chegar aqui na escola, sem alimento, chega pálida e cansada. Por mais que me esforce, o que vejo na sala, durante a aula, é sua cabecinha desanimada sobre os braços, na carteira.

E o dinheiro que essas professoras-mães, desconsoladas, gastam de seus parcos recursos, para comprar às vezes papel, às vezes um remédio e até lanches que levam para si, na ânsia de mitigar um problema que não está em sua alçada resolver.

Com o conhecimento de todos esses fatos, começam a ser importantes os alimentos, como um dos fatores fundamentais para a aprendizagem. Embora os programas de merenda ainda sejam inadequados, há esperanças de melhores dias, pelo menos com relação a essa parte.

Panorama

Jogadas em escolas afastadas, recebendo salários pouco condizentes com a função que exercem e, por isso, obrigadas a trabalhar mais do que deveriam, além de enfrentar um mercado-de-trabalho, no Estado de São Paulo, bastante saturado — o que produz ainda mais a desunião entre companheiras — as professoras foram se atomizando, separando-se cada vez mais umas das outras esquecidas de que toda luta só poderá ser enfrentada com a união desprovida de rivalidades prejudiciais. Durante muito tempo, a situação foi essa. Os problemas que surgiam eram gigantescos para a mestra, sozinha, frágil e desprotegida. Um ambiente de tensão com seus superiores, tarefas humilhantes que nada têm a ver com o mister de ensinar foram impostas às substitutas. Algumas, além de tudo isso, como é sobejamento sabido, são ainda obrigadas a dar aulas pagando o aluguel de salas nas classes de emergência que conseguiam obter para si. Tal situação vergonhosa é a coroa de espinhos que fere a alma e sangra a vida da maioria das mestras.

No entanto, a própria situação econômica brasileira, atualmente em vias de desenvolvimento, está levando a situação para um momento decisivo em que a aprendizagem precisa ser cuidada adequadamente, sob pena de se produzirem de modo incessante, levas de marginais inaproveitáveis para o mercado-de-trabalho sedento de mão-de-obra especializada.

O quadro penoso de repetência e evasão escolar, que atinge, em certas escolas da periferia, a alarmante cifra dos 78%, já não é mais analisado do ângulo mesquinho das responsabilidades pessoais. A professora sabe agora — segundo afirmou o secretário da Educação do Estado — que as taxas de evasão provocadas pela marginalização cultural e nutricional das crianças tornam inúteis as inversões econômicas na construção de escolas, no material didático, etc., por incidir sobre crianças cujas condições de saúde e desenvolvimento mental, afetivo, social, as impedem de responder às exigências feitas pela escola.

E o papel da professora, dentro de tal panorama cresce cada vez mais em importância: "... o fracasso do escolar no primeiro grau, resulta na perda de qualidade do material humano e de mão-de-obra qualificada. A industrialização exige cada vez mais qualificação do trabalhador, de modo que o fracasso escolar de grande parcela da população representa pesado ônus para que este desenvolvimento se processe de forma harmônica". É o que nos informa a mesma fonte.

Dentro dessa situação, a condição da professora tende a sofrer uma modificação de ordem qualitativa. Ela não será mais aquela pobre funcionária pública, espremida, de um lado, pelas exigências da família que a absorve egoisticamente, anulando sua vontade de trabalhar dentro do ideal de ensinar; por outro lado, passa a ser considerada com justiça, como elemento fundamental na engrenagem do desenvolvimento econômico, agente que é do primeiro passo — o mais importante — de iniciação do ser rumano na sociedade.

Estatuto

Se o escolar está sendo agora o foco das atenções, a professora, no entanto, está longe de ser cuidada com o mesmo carinho. As leis do magistério, sempre aprovadas de afogadilho, têm despertado perplexidade e desesperança. Uma profusão enorme de processos são elaborados, na tentativa de corrigir as distorções inexplicáveis que se apresentam nos Estatutos aprovados pelas autoridades.

É preciso, porém, acrescentar, que a mobilização das professoras, para lutar contra as injustiças que sofrem, embora tenham crescido louvavelmente nos últimos tempos, ainda está longe de representar a iniciativa da maioria. Por ocasião da aprovação do Estatuto do Professor da municipalidade, entrevistamos várias professoras. A maioria delas, para infelicidade da categoria, mal sabia da existência desse diploma legal. A observação acima não se configura como crítica ao comportamento feminino dentro do magistério. Sabemos todos que a mulher, dentro de nossa sociedade, vê que seu trabalho vem sendo tratado como secundário pelo chefe da casa, este sim, responsável pela manutenção da família. Mergulhado nessa responsabilidade, nem sempre agradável, o homem, no entanto, tem maior flexibilidade de horários, não precisa preocupar-se com os cuidados necessários que precisam ser dados aos filhos, com a organização da casa, etc. A mulher, mais uma vez, trabalha dupla e até triplamente, sem receber por isso o reconhecimento salarial, que lhe seria devido.

Não é difícil imaginar o quanto deveria a mulher receber por seu trabalho de babá super-cuidadosa, de administradora do lar, zelosa e econômica, além do que faz, nas atividades que realiza fora de casa. Estamos longe, porém, de chegar a tão elevado nível de reconhecimento social. A luta, para a mulher, é dura e desigual. E para a professora, mais ainda.

Com relação ao Estatuto, sabemos que não corresponde às expectativas das professoras. Além da demora com que saiu, desestimulando e criando insatisfações generalizadas, não resolveu uma série de situações consideradas até mesmo escandalosas. A situação das precárias, das substitutas, cuja melhoria ainda dependerá de uma série de medidas que só poderão ser tomadas a longo-prazo, fazem ainda do trabalho da professora uma afirmação de alto idealismo. Mas sabemos todas, que o caso requer muito mais que idealismo. É preciso que tal imagem da professora, como lutadora desinteressada, seja modificada, com urgência, o que só ocorrerá quando tomarmos consciência de toda a problemática que nos cerca, das leis, da maneira adequada de lutar, a quem recorrer: isto como mestras; como mulheres, a batalha é travada em todos os minutos da vida diária. Chegar tranquilamente à consciência de nossos direitos é um dever, sem o que, ser mulher; será sempre um fardo e nunca uma alegria.

No ano Internacional da Mulher, precisamente no mês de julho, o que se vê ainda, é uma enorme quantidade de injustiças que se acumulam espicaçando cada vez mais nossa vontade de lutar. Porque a coragem deve ser maior que o medo, a vontade maior que o desânimo. E se a vida tem sido uma fileira de decepções e de novas esperanças, tudo o que acontecer de melhor dependerá dessas mulheres imbatíveis que enfrentam os inúmeros "rounds" de existência cambaleando às vezes, mas sempre se levantando, em seguida, com o olhar preso no futuro que esperamos seja melhor, um dia.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal Folha S. Paulo
Data 13/07/85
Pág. —

Pasta n.º
N.º do recorte

Sem dinheiro, a creche pede ajuda à Prefeitura

Pedir ajuda à Prefeitura é a única saída que resta aos diretores da creche de Vila dos Remédios para aliviar as dificuldades financeiras que a entidade apresenta.

A pequena creche recebe diariamente cerca de cem crianças, a grande maioria filhas de mães que trabalham durante o dia. Algumas pagam 100 cruzeiros por mês, mas outras originárias de famílias de baixa renda não pagam nada pelas três refeições e o lanche da tarde.

A creche é mantida pela Associação de Proteção à Infância e Maternidade da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios através de donativos conseguidos junto às indústrias da região, mas o dinheiro arrecadado não chega às vezes para pagar a comida das crianças.

FSP 13/7/85

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO
Data 19-25/05/1975
Pág. 5

Pasta n.º
N.º do recorte 0084-A

A SANTA SÉ E O ANO INTERNACIONAL DA MULHER

Sempre atenta ao papel da mulher no desenrolar da história — dentro ou fora da Igreja — a Santa Sé não podia deixar de participar da reunião mundial promovida pela ONU, no México, em junho próximo passado, em comemoração ao Ano Internacional da Mulher. Enviou a Santa Sé uma delegação chefiada por Dom Romão Torella Cascante, vice-presidente da Comissão Pontifícia "Justiça e Paz".

Por ocasião da abertura dos trabalhos Dom Torella Cascante leu a Mensagem de Paulo IV da qual destacamos:

— "Não é só agora, quando a Igreja Católica deseja a realização dos objetivos propostos pelo Ano Internacional da Mulher. Já há quase vinte anos, para não recuar ainda mais no tempo — o Nosso Predecessor Pio XII dizia às mulheres católicas de todo o mundo: "Vós podeis e deveis fazer vosso, sem restrições o programa da promoção da mulher, que suscita imensas esperanças na multidão inumerável de irmãs vossas que se encontram ainda sujeitas a costumes degradantes ou são vítimas da miséria, da ignorância própria do seu meio, da falta total dos meios de cultura e de formação" (A União Mundial das Organizações Femininas; AAS, 49, 1957, p. 907).

Esta "promoção", diz Paulo VI há-de conceber-se em termos cristãos, à luz da fé. Nesse mesmo sentido o Papa João XXIII, na sua encíclica "Pacem in Terris", saudava como "um sinal dos tempos" o fato de que a mulher, cada vez mais consciente da sua dignidade humana, não admite já ser considerada como um instrumento; ela exige ser tratada como pessoa tanto no lar como na vida pública.

Prossegue o Pontífice:

— "Não é necessário recordar aqui todos os esforços. através dos quais a Igreja Católica se esforça por contribuir eficazmente para a integração das mulheres nas obras do desenvolvimento e da paz".

Paulo VI lembrou também em sua mensagem a necessidade da criação de um Comitê da Santa Sé para o Ano Internacional da Mulher e que ele havia proposto também às Igrejas locais, de todo o mundo, que aproveitassem esta ocasião para interrogar-se sobre a participação efetiva das mulheres na vida da Igreja, bem como sobre o concurso dado pelos a todo e qualquer esforço orientado no sentido da colaboração harmônica entre o homem e a mulher nas grandes tarefas da sociedade humana.

COMPLEMENTARIEDADE

Dom Romão Torella Cascante ao pronunciar sua intervenção disse:

— "A afirmação da igualdade fundamental das pessoas deve porém respeitar a sua diversidade. Trata-se de "construir um mundo não nivelado e uniforme, mas harmonioso e unificado segundo o desígnio do Criador" (Paulo VI, 18-4-75).

O homem e a mulher foram criados em igual dignidade, mas também numa "complementariedade" efetiva, de fato, e de intenção divina ("e Deus viu que era bom", diz-nos o Genesis). Desconhecer esta diversidade no sentido de novos estereótipos "unissexos" seria para a humanidade um empobrecimento trágico, e isto precisamente no momento em que por fim é possível beneficiar plenamente das riquezas do contributo original da mulher tanto como do homem em toda a gama de relações sociais (família, trabalho, cultura, sociedade política...); no momento em que a "imagem de Deus" pode surgir de uma maneira mais completa, já não obscurecida por uma visão demasiado parcial, demasiado exclusivamente masculina".

Ao terminar, o chefe da delegação da Santa Sé ao Congresso do México disse:

— "Oxalá esta Conferência, que se situa a meio do caminho do Ano Internacional da Mulher, constitua um momento decisivo para que o Ano, com todo esforço que implica, marque uma etapa irreversível na marcha da humanidade em direção da plena realização das pessoas e de um mundo de justiça, de amor e de paz. E que os jovens possam olhar com esperança para esta assembléia como um convite a acolher generosamente, no respeito mútuo e no compromisso comum, o dom da vida humana que receberam — feminino e masculino — das mãos do Criador".

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO
Data 19-25/05/1975
Pág. 5
Pasta n.º
N.º do recorte 0084

Liberdade consciente para a mulher num mundo que cresceu

Considerada pelo Código Civil "parcialmente incapaz" no início deste século, a marginalizada mulher brasileira vê ser decretado Ano Internacional da Mulher.

Nessa luta tão antiga, em que ela conquistou aos poucos e teóricos direitos, como o de votar (embora no candidato do marido, do pai ou do amigo...), surge algo mais concreto neste terreno tão controverso da liberdade.

Como alguém que esteve por muito tempo oprimido, a mulher corre agora o risco de, sem compreender o verdadeiro sentido da tão sonhada liberdade, cair no extremo oposto — o do opressor.

Os que vêm acompanhando as manifestações dos diversos movimentos feministas devem ter sentido nelas um certo desejo de superioridade no confronto com o sexo oposto.

Em oposição a este espírito de luta contra o homem, a Conferência Mundial, realizada na Cidade do México, de 19-6 a 2-7 do corrente ano, marcou um momento histórico de grande importância nesta séria marcha do ser humano-mulher para uma liberdade consciente.

Cerca de 10.000 mulheres pertencentes a 133 países, a 10 organismos intergovernamentais, a 23 órgãos e agências especializadas das Nações Unidas, a 8 movimentos de libertação e a 113 organizações não governamentais, participaram das 18 sessões dessa Conferência Mundial.

A proporção foi de cinco mulheres para um participante masculino e algumas delegações foram presididas por homens, como a brasileira, por exemplo, chefiada por Lauro Escorel de Moraes, embaixador do Brasil no México.

Presidida por um homem — Pedro Paullada — consultor jurídico mexicano, a Conferência Mundial reuniu mulheres estadistas, professoras, sociólogas, psicólogas, artistas, juristas e até uma cosmonauta russa.

A principal conclusão deste encontro foi o Plano de Ação Mundial que deverá ser aplicado por todos os países membros das Nações Unidas durante a década 1975-1985.

Este Plano teve por base um documento elaborado pela Secretaria das Nações Unidas, assessorada por 23 elementos de diferentes países. Esta base que consta de 51 páginas e levou vários meses sendo elaborada, deveria ser revista pelos delegados durante a Conferência Mundial.

Reformulada a introdução e o primeiro capítulo, como não houvesse tempo suficiente para o exame das 894 emendas feitas ao plano básico, as delegações resolveram aprová-lo sem as alterações revistas, o que provocou o protesto de várias delegadas.

A temática girou em torno: do estabelecimento de uma nova ordem internacional que beneficie igualmente homens e mulheres;

— da maior participação da mulher na luta por relações econômicas mais justas entre os países;

— do confronto entre a mulher dos países industrializados e a dos países em desenvolvimento.

Vários oradores focalizaram temas aparentemente desvinculados do tema central como:

— a injusta distribuição das riquezas no mundo; a violação dos direitos humanos; o problema do desarmamento; a distensão política internacional.

O plano de Ação Mundial dirige-se inicialmente aos governos e depois às instituições particulares, às associações femininas, às organizações não-governamentais, aos meios de comunicação social e ao público em geral. Cada país aplicará este Plano segundo suas necessidades e critérios próprios.

Dentro do que nos trouxe a imprensa sobre o conteúdo desse Plano de Ação Mundial gostaríamos de ressaltar alguns pontos que julgamos importantes:

— os governos precisam acelerar o processo de integração da mulher no programa de desenvolvimento de seus países;

— os órgãos de comunicação precisam realizar um trabalho de informação que desfaça a imagem da mulher-objeto, tradicionalmente considerada como o sexo fraco, incapaz de desempenhar funções que não apenas as de esposa e mãe;

— a equiparação da teoria das leis já existentes à prática, onde estas leis são total ou parcialmente desrespeitadas;

— a conscientização da atitude acomodada adotada por grupos de mulheres que não atingem um desenvolvimento integral de sua personalidade, pois este desenvolvimento é uma consequência de sua participação na sociedade não só como mães, mas como cidadãs que trabalham na construção de um mundo maior que o contido entre as quatro paredes de suas casas;

— o desenvolvimento intensivo de programas contra o analfabetismo das mulheres jovens, especialmente;

— a necessária emancipação das mulheres do campo e das zonas urbanas da periferia, fornecendo-lhes maiores oportunidades de educação, formação profissional básica e ensino de métodos agrícolas modernos;

— a criação de maior número de creches e instituições pré-primárias para que, protegendo seus filhos, ainda assim pudessem as mães dedicar-se, sem prejuízo da criança, a um aprimoramento cultural e profissional;

— a orientação segura da planificação familiar, responsável, principalmente para os casais das áreas rurais onde é trágico o número de mulheres que morrem por causa de abortos provocados;

— a necessidade de uma reestruturação do ensino formal e informal ministrado às crianças.

— a urgência de reformulação dos empregos destinados às mulheres, envolvendo atividades que exijam um melhor preparo profissional que vise a igualdade de responsabilidades na profissão escolhida, ao lado e como colaboradoras do homem.

— maior participação da mulher nos órgãos centrais de decisão.

Muita teoria importante ficou aí colocada, mas para que ela se concretize realmente será preciso dotar a maior interessada no assunto — a própria mulher — de meios que a habilite a participar desta série de mudanças.

Comparada ao homem que no decorrer da história foi se adestrando e se desenvolvendo sempre mais, a mulher teve suas potencialidades atrofiadas por uma educação formalista.

Condicionada a ser como é, ela precisa agora se reconstruir como ser humano. Ela precisa de compreensão e de apoio igual aos que recebeu, certa vez aquela mulher, à beira de um poço da Samaria longíngua!

Numa época em que se fala tanto em respeito à dignidade do ser humano, acreditamos que seja prioritário começar a exercer este respeito pela mudança de tratamento dado àquela que é a própria origem da vida. Levando a mulher a um desenvolvimento integral estaremos protegendo a família.

A Conferência Mundial foi um passo de longo alcance dado na direção necessária.

É preciso que, em nome de um falso conceito de liberdade, não percamos o objetivo em mira: a busca de justiça social, igualdade e dignidade para cada ser humano, independentemente do sexo ou de outros preconceitos criados pelo desamor.

ZUMA DE C. DUARTE

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO
Data 19-25/05/1975
Pág. 5
Pasta n.º
N.º do recorte 0084-

HOJE, "BÓIA FRIA". AMANHÃ: PRATO QUENTE?

QUEM E' O "BOIA-FRIA"?

E' o roceiro que mudou para a cidade, mas continua trabalhando na lavoura. Como ele não tem relógio despertador e não pode perder o dia de serviço, não dorme sossegado e por volta das 2hs. da madrugada começam a chegar nos pontos de saída, onde o "gato" (elemento de confiança do proprietário e pega a empreitada do serviço: encarregado de arregimentar a "turma" e pelo trabalho e também pelo pagamento.) vai levá-los para roça com seu caminhão de transporte. Os caminhões não têm bancos de tábuas porque de pé cabe mais gente. As mulheres vão na frente e os homens na parte traseira da carroceria do caminhão.

O "boia-fria" trabalha de 10 a 12 hs. por dia, com 30 minutos para o almoço e 15 minutos para a merenda, por volta das 15 hs As 20 ou 21 hs. estão chegando de volta em casa. Chegam a ficar um total de 18 hs. fora de casa, acarretando sérias consequências às suas famílias. Conforme a epoca trabalham também aos domingos. Não são, em sua maioria, registrados e ganham pelo serviço que prestam sem qualquer garantia, previdenciária.

O almoço do "boia-fria" é mais sóbrio do que o dos ascetas medievais: arroz puro, por vezes acompanhado de batatinha, mandioca, às vezes uma abobrinha, cebola ou beringela. Quando a comida azeda passa o dia sem boia e é aí que costuma sofrer tonturas. Há o caso de um "boia-fria" que depois de 4 ou 5 dias foi encontrado morto no meio da plantação.

Por que surgiu esta nova categoria de trabalhadores rurais: o "boia-fria"?

Na medida em que a Lei Trabalhista foi chegando nas fazendas os fazendeiros foram desfazendo-se do maior número possivel de empregados, ficando apenas com os estritamente necessários; retireiro, tratorista, maquinista, fiscal e outros.

Aconteceu também que muitos fazendeiros preferiram criar gado (que requer pouca mão de obra) no lugar de cultivar cereais. Os lavradores tiveram que sair da fazenda e refugiar-se nas periferias das cidades, que não tiveram capacidade de absorver esta leva de mão de obra.

Criou-se então um mercado barato e fácil de mão de obra rural, atrasando a mecanização da lavoura.

Por contraditoria que pareça, a mecanização na forma em que está sendo feita, vai também colaborando para o surgimento do "boia-fria", que poderá tornar-se um prato muito quente na mesa da sociedade brasileira

Há também o fator da insegurança do fazendeiro que gasta muito, faz o financiamento e na hora de vender não tem preço para o seu produto e com isto ele não pode arcar com a responsabilidade de muitos empregados.

De qualquer forma o problema é complexo e suas origens vão ser encontradas: num regime de trabalho rural onde uma minoria é dono de grandes glebas e a maioria vende seu trabalho, sem qualquer compromisso por parte de quem o compra. Não basta a boa lei se não houver uma mudança de mentalidade tanto do fazendeiro que não sente remorso em manter o luxo de suas filhas na cidade ou na capital às custas da fome a miséria dos seus irmãos, como também do "boia-fria" que fica esperando que o prefeito vai trazer indústria para a cidade, ou erradamente juga que tudo isto é vontade de Deus. "Deus criou este mundo para todos", cantamos em todas as igrejas católicas do Brasil durante a Campanha da Fraternidade de 75. Transcrevo aqui **a carta de um barbeiro da periferia de São Paulo:**

"Quem manda na fazenda é o fazendeiro. Quem manda na indústria é o industrial. Quem manda no Brasil é o capital. Brasil das favelas. Lei só para o pobre. As leis que são a seu favor faz ele passar fome.

O fazendeiro não quer nenhuma familia morando em sua fazenda, mas vai buscar. Já tem até os malditos caminhões dos remediados ("gatos") que leva o tal do "boia-fria" para trabalhar pro fazendeiro. Mas também, só nos dias de sol. Dia de chuva não tem serviço. Não ganha feriado nem domingo. Seguro, nem pensa. Toda desgraça do "boia-fria". Leis favorecem o pobre, mas o capital massacra seu direito. As cidades do interior são umas verdadeiras favelas humanas. Os fiscais da lei vivem atrás das cortinas executando as leis, usando duas caras, pegando bico de fazendeiro. Eu penso assim: Se o fazendeiro tem 100 alqueires de terra, que tenha 10 familias para morar na fazenda. A Biblia diz que devemos dividir 10% dos nossos bens. Mas os fazendeiros não dão nem 1%. A lei biblica diz 10%, que é o dízimo. Um fazendeiro tem 100 alqueires de terra, mas não quer nenhuma familia morando em suas terras. Onde está a humanidade cristã? Todo dia se ajoelha, mas o coração é ruim, de pedra. O pensamento é traiçoeiro, cheio de falsidade e egoismo. Esse fazendeiro se ajoelha e pede a Deus que mande chuva para que o pasto do seu gado cresça, mas não quer que seu próximo more na sua terra. Vale ajoelhar-se assim?

A princesa Isabel libertou, em parte, os pretos. Quem vai libertar a todos nós? Os brasileiros não têm direito de morar nas terras brasileiras. Vivem amontoados nas favelas das cidades, criando epidemia de marginais".

A emancipação feminina perante o cristianismo

16a 22/8/75 OSP

Consagrado pela ONU à Mulher, o ano de 1975, mais que qualquer outro, vem servindo como pretexto ao acirramento, no mundo todo, dos debates em torno da emancipação feminina. O tema "Libertação da Mulher" passou, maciçamente, a ocupar espaço crescente nos jornais e revistas populares, bem como na TV, impondo-se como assunto inevitável com os amigos, na escola e, principalmente, no seio dae família.

Que atitude deve assumir o cristão perante o fenômeno da emancipação feminina? Como agiria Jesus nessa circunstância? Qual a posição da Igreja de hoje frente ao complexo problemático da libertação da mulher? — essas são algumas das perguntas que o articulista Alberto Antoniazzi procura responder na série de comentários que, desde esta semana, publica em O SÃO PAULO.

A primeira parte da série "O Cristão e a Emancipação Feminina" encontra-se à página 2. O mesmo tema foi abordado no III Encontro sobre o Papel da Mulher na Sociedade e na Igreja, em princípios deste mês. (Notícia na mesma página).

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca
Jornal: O SÃO PAULO
Data: 22/08/75
Pág.: 10
Pasta n.º
N.º do recorte
0085

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal FOLHA S.PAULO
Data 03/09/75
Pág. 35

Pasta n.º
N.º do recorte

Educação, esportes e guarda dos filhos

SMU
FSP 3/09/75 p.35

A lei da Educação dos Estados Unidos, conhecida como Lei da Igualdade Educacional das Mulheres, tinha por objetivo fazer com que verbas federais fossem aplicadas nas escolas e universidades em novos programas femininos. Apresentada pelo membro da Câmara de Representantes, Patsy Mink, procuradora do Havaí, sua finalidade é eliminar as barreiras encontradas pelas mulheres no setor da educação, desde os estereótipos observados nos livros escolares infantis, até a exclusão nos melhores empregos das faculdades.

"Por que, disse ela, devem as mulheres ser representadas nas cartilhas escolares como donas de casa de avental e na cozinha? O médico tem sempre que ser sempre um homem, assim como o advogado, o engenheiro e o homem de Estado. Por isso, o verdadeiro propósito da minha lei é libertar o espírito humano, fazendo com que seja possível para todo mundo realizar-se de acordo com suas habilidades e vontade."

Esse objetivo de total igualdade de direitos para as mulheres chegou mesmo a atingir o setor esportivo: a legislação, nos dias finais do último Congresso, providenciou uma pequena Liga de Times de Beisebol — uma atividade juvenil de alcance nacional — para meninas e meninos.

Contudo, outras leis apresentadas por mulheres no Congresso não foram tão bem sucedidas e sem dúvida serão objetivo de seus esforços no futuro. Em primeiro lugar, entre elas, inclui-se uma legislação especial para assegurar a saúde e uma legislação para aumentar os fundos federais para a informação do controle de nascimentos ou do planejamento da família.

Grupos de mulheres também estão lutando para assegurar que a decisão da Corte Suprema, de 1973, que estabelece o direito de aborto não seja prejudicada por uma legislação restritiva.

As mulheres também voltaram sua atenção para a legislação relativa à guarda dos filhos para ajudar as mães que trabalham. Com 43% de mulheres norte-americanas trabalhando fora de casa, o interesse de criar facilidades para cuidar das crianças e programas nesse sentido têm sido grande entre os grupos femininos.

Muitos projetos para reduzir os impostos pagos para se tomar conta das crianças foram apresentados ao Congresso, assim como projetos de longo alcance para estabelecer centros que cuidem das crianças, financiados pelo governo. Além disso, uma lei foi apresentada para a adoção de "horas flexíveis de trabalho" em 10% dos empregos públicos, dentro de 10 anos. Além de beneficiar fundamentalmente ambos os sexos, esse plano de horas flexíveis de trabalho também tem a vantagem especial de preparar a mulher, tornando-a assim capaz de combinar mais facilmente o trabalho com os afazeres domésticos. Outra questão que está sendo examinada pelo novo Congresso é se a mulher deve ser ou não admitida nas academias militares, nos serviços militares. Opiniões a respeito foram ouvidas no último Congresso com várias manifestações pró e contra.

Contudo, não se sabe ainda ao certo se a voz das mulheres está sendo mais ouvida nas salas do Congresso — em parte devido ao aumento de coesão em torno de propósitos dos próprios membros femininos e em parte devido ao pequeno mas crescente grupo de "lobbysts" (contestatárias) na capital da nação.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO 30/01
Data 05/09/1975
Pág. 5
Pasta n.º
N.º do recorte 0088-A

planejamento Familiar

ANTI-CONCEPCIONAIS, ABORTO E PATERNIDADE RESPONSÁVEL

"Aos que distribuem anti-concepcionais entre o povo mais pobre, peço que reflitam sobre o seguinte: Mais vale promover os irmãos pobres, através de um verdadeiro desenvolvimento humano, do que simplesmente marginalizá-los mais ainda". Esta afirmação está contida no documento pelo qual, recentemente, Dom Quirino A. Schmitz, Bispo de Teófilo Otoni, tornou pública sua orientação sobre o controvertido tema do planejamento familiar. O amor conjugal, a união carnal, a paternidade, a esterilização e o aborto, são alguns dos itens mais candentes abordados na extensa análise de Dom Quirino, cuja íntegra se encontra aqui reproduzida.

Irmãos.

A Igreja sempre exigiu [illegible]a atitude de responsa[illegible]idade ante a geração de [illegible]vos seres humanos. Opôs-[illegible] sempre, com desassom[illegible]o a toda e qualquer men[illegible]idade contraceptiva (is[illegible]e, a que procura destruir [illegible] fecundidade com o uso [illegible] anticoncepcionais). Por [illegible]speito ao mistério do vi[illegible] rejeita, até hoje, qual[illegible]er dominação irreveren[illegible] nesse campo. A tal pon[illegible] o faz, que isto se tornou [illegible]rdadeira tradição ecle[illegible]

[illegible] surgem, também hoje, [illegible] e acolá, tentativas de [illegible]lantação de mentalida[illegible] contraceptiva. Resolvi, [illegible] isso, refletir com os li[illegible]s das comunidades so[illegible] o assunto. Dirijo-me, [illegible] de maneira especial, [illegible] pais, padres, dirigen[illegible] de cultos, médicos, pre[illegible]tores leigos, catequistas, [illegible] de grupos de jovens, [illegible]sores e às irmãs.

[illegible]vidamente autorizado, [illegible]o-me, em grande esca[illegible]o trabalho do Dr. Frei [illegible]no Moser OFM, jo[illegible] professor de teologia [illegible], formado na escola [illegible]tonomado P. Haering. [illegible] trabalho seu sobre o [illegible]o tema estará, dentro [illegible]breve, à disposição dos [illegible]ssados, na Livraria [illegible] Maris, em Teófilo [illegible]

A fecundidade é um privilégio de Deus, dado às criaturas

[illegible] Deus pode criar. Só [illegible] fecundo. A tal ponto [illegible]que fez surgir tudo do [illegible] Não quis, porém, a [illegible]idade só para si. Fez [illegible]ão de transmi-la tam[illegible] aos outros seres. Daí [illegible]ordem aos homens: [illegible] fecundos — produ[illegible] Multiplicai-vos! Po[illegible] terra! (Gen 1,28). [illegible]em à terra, manda [illegible] produza verduras e [illegible] (Gen 1,11). Quer [illegible] águas produzam [illegible]ultidão de seres vi[illegible] Gen 1,20) e que os [illegible] toda espécie [illegible] e se multipli[illegible] (Gen 1,22).

[illegible] fecundidade é, pois, [illegible] privilegio de Deus, dado [illegible] criaturas. É a participa[illegible] de todos no poder do [illegible]dor.

[illegible]ia, porém, diferença en[illegible] a fecundidade dos ani[illegible]s e das plantas e a dos [illegible]es humanos. Os animais [illegible] fecundos, na medida [illegible] se reproduzem biologi[illegible]ente. A árvore é fecun[illegible] se produz boa qualida[illegible] de frutas ou de flores. A [illegible]undidade dos seres hu[illegible]anos se aproxima da fe[illegible]ndidade de Deus. É orien[illegible]da pela inteligência e [illegible] fruto de um cego im[illegible]so de reprodução. Tem [illegible]racteristicas de um ser [illegible] pensa e, só então, age.

A fecundidade animal se extingue com o esgotamento sexual, a humana, não. Esta se estende a qualquer idade ou estado de vida. Não fosse assim, seriam elementos inúteis todas as pessoas de mais idade, já sem capacidade geradora. Inúteis seriam ainda os padres, as religiosas e outras pessoas celibatárias, que embora biologicamente férteis, não geram filhos. Sabemos, porém, como eles são humanamente fecundos em obras e fatos! Como são, até hoje, fecundos um Francisco de Assis e legiões de outros. Como estes e outros que conosco convivem, tornam mais humana a fecundidade dos esposos, sempre expostos à tentação do irracional!

2. Alguns exemplos de fecundidade

O artista é fecundo, não porque cria muitas obras. É fecundo porque produz alguma obra de arte. É fecundo porque sabe imprimir em sua obra a característica do seu gênio criador. Pouco importa se produz muito ou pouco. Dou um exemplo: O escultor italiano Miguelângelo seria altamente fecundo, mesmo se tivesse criado, apenas a "Pietá" ou o "Moisés". Outro exemplo: O sol e a chuva não produzem nada. Sem o sol, porém, não haveria vida alguma sobre a terra. Sem a chuva, nada cresceria. Ambos são fecundos, embora não gerem novos seres. Deus, também não produz, mas dele "provém toda a paternidade no céu e na terra" (Ef 3,15). Cristo Jesus, o Filho de Deus plenamente encarnado na terra, não gerou filhos segundo a carne. E como é fecunda sua existência até hoje e o será até o fim dos tempos!

A atitude pessoa que não casa "por causa do Reino dos Céus" (Mt 19,12) é, como diz o Concilio, "fonte peculiar de fecundidade espiritual no mundo" ("Lumen Gentium" II, 44). Desta mesma fecundidade humana, fala o Apóstolo Paulo em suas cartas (cf 1 Cor 4.11 e 1 Tess 2.11-12).

Percebe-se, pois, claramente que a pessoa humana não é fecunda, apenas, porque gera filhos. É fecunda, na medida que vive plenamente sua vida e a irradia, criando um ambiente de amor. É fecunda, enfim, se em todos os seus atos for capaz de imprimir a sua marca, humana, o amor.

3. A procriação humana

Também na transmissão da vida, o ser humano deve deixar claramente impressa sua marca, que é o amor. É ele que preside ao encontro do pai e da mãe e dele faz resultar um sinal vivo e palpável, que se chama filho. Gerar um filho sem amor é crime. Deve-se duvidar sempre do amor conjugal que não tende a se perpetuar no filho.

A Bíblia elogia as famílias numerosas, que geram com amor: — "Vede! Os filhos são presente de Deus. O fruto das entranhas é uma recompensa. Como as flechas nas mãos dos guerreiros, assim os filhos gerados na juventude. Feliz o homem que assim enche a sua aljava (estojo para guardar setas)". (SL 125, 3-5). O Eclesiástico acrescenta ainda que o pai que morre e deixa filhos bem educados "é como se não morresse, porque deixa após si um semelhante" (Ecl 30,4). O mesmo livro da Bíblia, lembra, porém que, nem sempre uma família numerosa é verdadeira glorificação de Deus: "Não te regosijes de ter muitos filhos, se estes são maus. Se eles não possuirem o temor de Deus, não ponhas neles a tua alegria.

Um único filho temente a Deus vale mais do que mil filhos ímpios. Há mais vantagem em morrer sem filhos do que deixar após si filhos maus" (Ecl 16, 1-4).

Não é pois pelo fato de alguém ter muitos filhos, que o mesmo é considerado bom. Um casal biologicamente estéril (isto é, que não consegue ter filhos) pode ser muito fecundo se os esposos são como sol um para o outro e se são capazes de comunicar amor ao seu ambiente. Por outro lado, um casal com muitos filhos pode ser considerado estéril (que não produz) se esses filhos não forem gerados por amor e se, em sua casa, não brilha o sol.

4. O amor conjugal e a união carnal

Na comunidade de vida e amor (a família), a união carnal deve ser muito valorizada. Não havendo, nessa comunidade, comunicação carnal, "podem muitas vezes entrar em crise a fidelidade ou ainda estar comprometido o bem dos filhos" (Guadium et Spes, N. 51).

Lembra, contudo, o mesmo Vaticano II, que, embora o amor conjugal esteja intimamente vinculado a geração de filhos, não foi instituído, apenas, para o fim procriativo (geração de filhos)... mas, para que o amor entre os esposos cresça e amadureça. (cf G. Spes, N. 50). Note-se ainda que o amor conjugal não se expressa unicamente pela relação sexual, mas ainda pela convivência íntima e amiga no lar.

5. É preciso opor-se à mentalidade contraceptiva

Em algumas organizações internacionais, parece haver verdadeira psicose de super-produção e uma corrida desenfreada aos anti-concepcionais.

Ao ler certos livros e folhetos, tem-se a impressão de que o prazer sexual constitui um fim em si, quando deveria ser sempre um sinal de unidade na doação. Fala-se, então, na técnica do uso do sexo, da arte de evitar filhos ou da mecânica dos meios de controle da natalidade.

Pela distribuição indiscriminada dos mais variados e degradantes contraceptivos, procura-se marginalizar, também neste setor, os mais pobres. Basta lembrar a distribuição em larga escala do "diu", que é um dispositivo intra-uterino de caráter abortivo.

Tal procedimento, repugna ao sentimento dos que "são filhos de santos (seguidores de Deus), que, no casamento, não podem proceder como os pagãos que não conhecem a Deus". (Tob 8,5).

6. Um pouco da história da Igreja, relativa ao planejamento familiar

Já a partir do século III, encontramos condenações da contracepção, por parte da Igreja. No decorer dos séculos, sempre mais se firmou a convicção de que a contracepção não pode ser coisa boa.

Pio XII deu sua aprovação ao planejamento familiar. Exigiu, porém, como condições: razões graves e o uso do método da "tabela" (continência periódica).

A Carta "Humanae Vitae", de Paulo VI, foi um passo em frente. Nela, o Papa se mostra preocupado com os problemas dos esposos. Exorta os pastores a serem compreensivos e misericordiosos com os casais em dificuldades. Não manda mais interrogar ou inquirir os penitentes. O mesmo Papa, em seu discurso aos Bispos Latino-Americanos, na Colômbia (1968), assim se expressava: "Não se promova uma corrida de olhos fechados para a super-população; nem se diminua a responsabilidade e a liberdade dos esposos, a quem não se proíbe uma honesta e razoável limitação da natalidade; tão pouco se impeçam os métodos terapêuticos legítimos e o processo das investigações científicas" (Sedoc 1968,

7. Também as Conferências Episcopais se pronunciam

Diz o P. Haering que hoje não é mais possível interpretar a "Hamane Vitae" sem levar em conta os pronunciamentos das várias Conferências Episcopais do mundo inteiro. Elas, de fato, procuram aprofundar a Carta do Papa e a comportam com verdadeiras situações de angústia de muitos esposos e médicos.

Todas as Conferências sublinham os aspectos positivos da Carta, que são, entre outros, o amor conjugal e a paternidade responsável. Para os bispos do mundo inteiro, a questão dos métodos é inteiramente secundária. Insistem, a seguir, sobre a consciência dos esposos, que algumas vezes poderá chegar a decisões um tanto diversas das da Carta de Paulo VI. Há, porém, total unanimidade em rejeitar todos os métodos radicais e degradantes no planejamento familiar.

Os episcopados austríaco e canadense afirmam claramente que, em se tratando do uso de métodos moderados, não se pode falar de pecado mortal. Os bispos franceses acrescentam: "A contracepção jamais poderá ser um bem, mas nem sempre é culpável".

A CNBB conclui, quase na mesma linha, que é preciso ter muita compreensão com as pesosas que têm boa vontade, mas ainda não chegaram ao conhecimento da verdade toda. Não devem estas ser afastadas dos sacramentos da penitência e da comunhão. Elas é que mais precisam do remédio do corpo e do sangue do Senhor. São como doentes, que necessitam do médico (cf Lc. 5,31).

8. Quando há exercício responsável da paternidade?

Dou, a seguir, alguns exemplos de pais responsáveis no exercício da geração de novos seres. Podem ser clasificados como responsáveis:

a) os pais que não se entregam cegamente ao instinto de procriação, mas fazem uso de sua capacidade de raciocínio e da nobreza do seu amor conjugal:

b) os pais que, no decorrer dos dias, se dão conta de quantos filhos poderão educar dignamente e, só então, os concebem. Se prevêm que, para educá-los, precisariam recorrer à caridade pública, sabem que não devem procriar;

c) os pais que, orando, se reabastecem na fonte do Amor, que é Deus (cf 1 Jo 2, 16);

d) os pais que vecem o egoísmo e agem com amor e prudência. Assim, percebendo no outro a necessidade de se unir sexualmente, não se recusa a aceitá-lo. Juntos, porém analizam primeiro sua situação: se são pobres, se em sua casa não há lugar para mais um filho, se são atormentados por doenças e, em consequência, poderiam vir a gerar filhos doentes e excepcionais, se a fome ronda o seu lar etc. Deverão tomar por base sua situação atual. Se já não dão conta dos filhos que têm, seria irresponsabilidade gerar outros, enquanto não tenham previsão de melhoria da situação. Pior ainda, se entre os filhos que já têm, há casos de pessoas paralíticas ou deficientes mentais.

e) São responsáveis os pais que não se negam a ter mais filhos. Gostariam, porém, de espaçar mais um nascimento do outro, principalmente quando a mãe tem necessidade de mais repouso.

Em todos esses casos e outros semelhantes, os pais podem e, às vezes devem, recorer ao método da tabela ou da continência periodica. Para consegui-lo, podem, até, fazer uso de medicamentos adequados, receitados por um médico. Se houver dificuldade na compreensão do caprichoso método da tabela ou irregularidade do ciclo menstrual (regras), um médico competente poderá orientar os esposos.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO
Data 30/8-05/09/1975
Pág. 5
Pasta n.º
N.º do recorte 0088-B

9. **Não são responsáveis na sua missão de gerar filhos**

a) os pais que não têm nenhum motivo válido para evitarem uma nova gravidez. Evitam-na, apenas, porque não querem ser incomodados por mais filhos. Querem, apenas, o prazer sexual, fugindo ao encargo de gerar e educar filhos. ~~embora não lhes faltem re~~ cursos para isso. Outros ainda evitam ter mais filhos para não perderem a aparência jovem ou por outros motivos fúteis;

b) os pais que pensam ser suficiente pôr filhos no mundo e não cuidam de lhes dar educação adequada;

c) os pais que, por egoismo ou por medo de terem filhos, evitam totalmente qualquer relação sexual ou praticam habitualmente a abstinência periódica (método da tabela). Têm, também eles, mentalidade contraceptiva.

10. **Como é que a gente vai saber o que é certo ou errado?**

Para ajudar a gente, Deus cuidou de instalar dentro de nós um posto de advertência, que transmite misteriosamente sua voz. Chamamo-la de voz da consciência. Negar-se a atendê-la, seria cometer pecado.

Acontece, porém, que essa voz está sujeita a desgastes. Pode, com ela acontecer, o que sucede com um alto-falante. De tanto mau uso, chega, também ela, a tornar-se rouquenha ou apagada. Neste caso, já não teria condições favoráveis para comunicar a voz de quem fala, que é Deus. Trata-se, então, de consciência vacilante ou, até, errônea, que deve ser corrigida ou reajustada à Igreja, que tem o encargo de "proibir e permitir" em nome de Deus. Vem, muito a propósito, a palavra de Cristo, dirigida aos chefes da Igreja: "O que proibirdes na terra, será proibido no céu. E o que permitirdes na terra, será permitido no céu" (Mt 18,18). A gente sabe que a Igreja não inventa as coisas que ensina, mas busca orientação no Espírito Santo, que Cristo sempre lhe comunica (cf Jo 16, 7-15).

Agora, vejamos o caso do planejamento familiar. Vocês já sabem que o Papa Paulo VI publicou uma carta a respeito. Temos, pois, de ouvir o que ele nos diz, como autoridade suprema da Igreja. Temos de corrigir o nosso modo de pensar, adaptando-o ao da Igreja. Mesmo que, para alguém seja difícil compreender as razões da Igreja, vale a pena escutar a voz de quem tem o encargo de apascentar o Povo de Deus (cf Jo 21, 15-17; 1 Pedro 5,2).

Sei que podem surgir dificuldades, não previstas no ensinamento do Papa. Pode acontecer, por exemplo, que o esposo ainda não aceite integralmente a doutrina da Igreja. Se não atendido, poderá ele sentir-se tentado a ser infiel à esposa. Neste caso, cabe à esposa evitar o mal maior (que seria a infidelidade) e acolher o esposo. Não deixará, contudo, de ajudá-lo a compreender, aos poucos, o pensamento da Igreja.

Sei que, com o avanço da ciência, poderá ser reformado algum detalhe do atual ensino da Igreja com respeito ao planejamento familiar. Lembraria, porém, que a ciência, desvenciliada dos princípios morais, torna-se em qualquer tempo inimiga da humanidade, servindo mais à destruição do que ao progresso. É o que acontece com os inúmeros engenhos de guerras, empregados por países altamente imbuídos de ciência.

11. **O que fazer, quando se tem dúvida?**

Em qualquer ramo de atividade, desfazem-se as dúvidas através de pessoas qualificadas. Em casos de doença, procura-se um médico. Havendo algum defeito no carro, recorre-se a um bom mecânico etc. Assim, também em casos de dúvida a respeito do planejamento familiar, torna-se, às vezes, necessário procurar uma pessoa qualificada, que pode ser um sacerdote ou um médico de boa formação cristã. Eles não tomarão decisões em nome dos esposos; ajudá-los-ão a tomá-las com mais acerto.

12. **Os métodos lícitos para se conseguir um melhor planejamento familiar**

A indagação da maioria dos pais gira, quase sempre em torno de métodos que podem ser usados no planejamento familiar. Pergunta-se: "Podem-se usar pílulas anti-concepcionais ou algum meio mecânico (p. ex. o diu)?" À pergunta, respondem os mais variados conselheiros. O P. Haering, eximio professor de teologia moral em Roma, opina que a questão ~~dos métodos~~ é mais um problema médico do que teológico.

Pergunta-se, agora, se outros métodos mais drásticos (enérgicos) poderão, alguma vez, ser usados?

Falarei dos dois mais conhecidos.

13. **A Esterilização (ligadura de trompas e vasectomia)**

Na Carta "Humane Vitae", Paulo VI escreve: "Esterilização direta, tanto perpétua como temporária do homem ou da mulher" (N. 14).

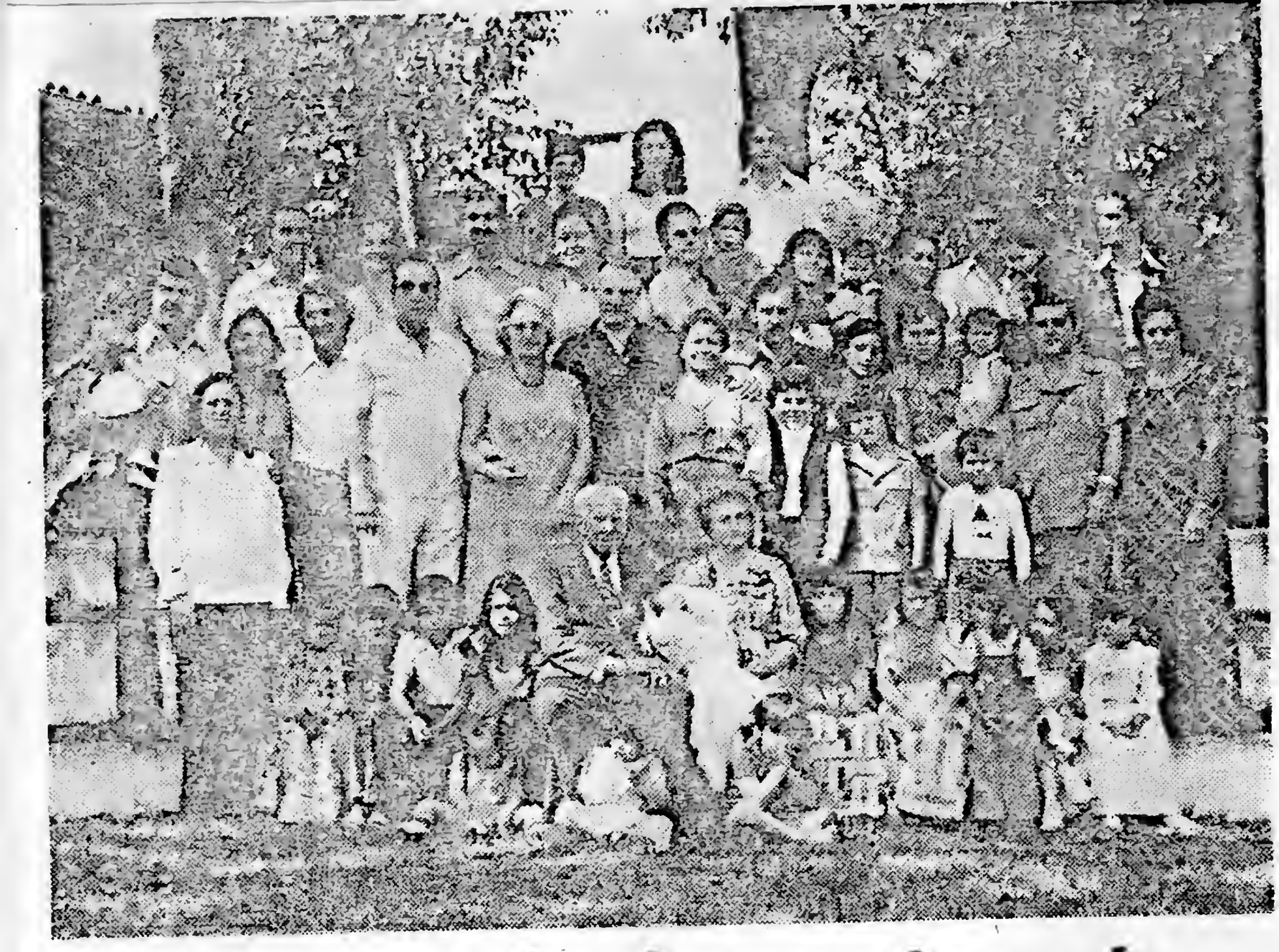
A esterilização direta tira do homem ou da mulher a capacidade de gerar. A indireta, pode ser uma intervenção cirúrgica que visa o bem total da pessoa. Ela é, pois, admissível, por razões terapêuticas (de cura).

Apesar dessa distinção, não será fácil responder à pergunta que, às vezes, é feita: "Para se conseguir um planejamento familiar mais eficiente, pode um católico recorrer à esterilização?"

Respondo, citando quase textualmente as palavras de fr. Antônio Moser:

Aceitar a esterilização seria certamente imoral para quem se recusasse a assumir a vocação de pai ou mãe. Neste caso, ela seria inadmissível.

Bem diferente, porém, seria o julgamento moral de quem procurasse a esterilização como único meio de garantir a estabilidade familiar. Estaríamos, neste caso, bem amparados no tradicional ensino da Moral, a que, em memorável carta, se referem aos bispos da França. "Pode acontecer que os esposos se defrontem com verdadeiros conflitos de deveres... de se excluir.... como o Magistério da Igreja repetidamente declarou, a es- Aplica-se, então, o ensinamento da Moral. Havendo conflito de deveres ou quando, com qualquer decisão que se tome, não for possível evitar um dos males, procura-se, perante Deus, conhecer qual seja o dever maior" (Sedoc 1966, col 1118). É o que o nosso



Uma verdadeira família

A foto nos mostra a reunião de uma verdadeira família feliz ao festejar as Bodas de Diamante do casal Luiz e Mercedes Puig, cujo casamento se deu em 1915 na Paróquia do Bom Jesus do Brás. Após 60 anos o casal se encontra no meio de seus filhos, 14 netos e 22 bisnetos, além daqueles que pelo matrimônio se uniram a seus filhos e netos. Uma confraternização simpática alegre e muito abençoada por Deus pelos anos de fidelidade, trabalho, alegrias e tristezas passados juntos

Eis o simbolo de uma verdadeira família. Ao casal e a todos os descendentes os cumprimentos deste jornal pelo lindo exemplo que esta reunião nos dá.

povo traduz com "De dois males, o menor".

Por isso, se o médico julga que, devido a razões biológicas, psicológicas ou familiares, uma nova gravidez seria uma irresponsabilidade dos esposos, deve dizê-lo com clareza ao paciente (ao esposo e à esposa). Neste caso e na falta de outros meios adequados, não se pode acusar o médico de falta de ética médica à lei natural. Se a esterilização se apresentar como melhor ou o único meio de permitir que uma mãe ou um pai possa cumprir sua missão na família, não há razões para dúvidas (cf. "Paternidade Responsável"... P. Haering).

Entretanto, tratando-se de uma intervenção de caráter tão decisivo, o médico só poderá fazê-la se não encontrar outra saida melhor e (repito!) depois de ter falado às pessoas interessadas sobre todas as consequências. Lembrará especialmente à esposa as repercuções psicológicas negativas de uma tal operação.

Ademais, dever-se-ia perguntar: Por que se pensa logo na esterilização da mulher e não do homem, quando esta (a do homem, chamada vasectomia) seria menos dispendiosa e mais rápida? Não estaríamos diante de mais uma demonstração de poderio do homem sobre a mulher?

De qualquer forma, a esterilização da mulher (ligadura ou seccionamento das trompas) ou do homem (vasectomia ou ligadura do canal deferente), não parecem ser o expediente mais imediato a ser procurado. Estes deveriam ser o último dos métodos de planejamento familiar. Por isso, as pessoas devem refletir maduramente antes de recorrer a um expediente tão drástico.

Talvez pudesse ser compreensivel recorrem à esterilização pessoas idosas, já sem condições de levarem a bom termo a educação de mais um filho, que eventualmente nascesse.

E quem, sem motivo grave, já praticou a esterilização, que é que deve fazer? O primeiro passo deverá ser o arrependimento. Procurará, depois, reparar o mal, adotando ou ajudando crianças desamparadas.

14. O aborto

Sabemos que a criança já tem vida no ventre de sua mãe, bem antes de nascer. Durante esse tempo, ela precisa de proteção total. Seria ato de covarde selvageria querer tirar-lhe a vida, quando ela própria não pode sequer esboçar um gesto de defesa. Por isso, diz o Concilio: "Desde sua conceição, deve a vida ser salvaguardada com o máximo de cuidado; o aborto e o infanticidio são crimes abomináveis" (Gaudium et Spes N. 52).

As estatisticas de abortos praticados em clinicas são estarrecedores. Em 1964, foram praticados, no Brasil, 1 milhão e quatrocentos mil abortos. No mundo, ototal foi de 30 a 40 milhões. Isto, sem contar os milhares, praticados clandestinamente.

Quem aborta, de caso pensado, costuma ficar a vida toda com a consciência pesada.

15. Apelo final

O que escrevi não é invenção minha. É norma católica. É o caminho normal e seguro para o Povo de Deus. Penso não me ter faltado o Espirito de Deus, ao ter que tratar de um assunto tão vital para a comunidade cristã.

Esta deve ser a maneira oficial de se apresentar o assunto "planejamento familiar" nesta Igreja de Teófilo Otoni. Se alguém discordar dela, faça-o com lealdade. Declare-o sem rodeios e abstenha-se de orientar quaisquer cursos promovidos pela Igreja.

Aos que distribuem anti-concepcionais entre o povo mais pobre, peço que reflitam sobre o seguinte: Mais vale promover os irmãos mais pobres, através de um verdadeiro desenvolvimento humano, do que simplesmente marginalizá-los mais ainda. Mais vale aumentar os alimentos à mesa, do que diminuir os comensais. Mais vale criar em nossa Pátria, condições de vida e trabalho para os filhos de gente pobre, do que impôr métodos agressivos à liberdade dos pais.

Aos pais cristãos, principalmente aos que, com sacrificio, educam uma familia numerosa, lembro as palavras de Cristo: "Quem recebe em meu nome uma dessas crianças, e a mim é que recebe" (Mt 18,5).

Aos esposos que [illegible] jam, recomendo que façam súplicas ao Pai. Ele não lhes negará o Espirito Santo que, dado por Jesus "vem sempre em socorro da nossa fraqueza" (Rom 8,26).

Dom Quirino A. Schmitz
Bispo de Teófilo Otoni

Teófilo Otoni, 4 de junho de 1975 (14.o aniversário da instalação da Diocese).

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SPAUC
Data 30/8 05/09/75
Pág.

Pasta n.º
N.º do recorte

CSP 30/ao 5/9 75

O Cristão e a Emancipação Feminina (final)

"AS MULHERES FIQUEM CALADAS"

Alberto Antoniazzi

Qual é a frase da Bíblia, sobre a mulher, mais conhecida? Creio que muitos se lembrem sobretudo de uma ordem de S. Paulo: "as mulheres fiquem caladas nas igrejas" (I Coríntios 14,34).

E creio que, quando se lembram dela ou a citam, esqueçam que na mesma Carta o Apóstolo permite às mulheres profetizarem ou rezarem em voz alta nas igrejas (cf. I. Coríntios 11,5). Ou, que em outras cartas, São Paulo agradece a colaboração que muitas mulheres prestaram na difusão do Evangelho e no crescimento da Igreja: Febe, que serviu à igreja de Gênesis (perto de Corinto); Prisca, que com seu marido Áquila arriscou a vida pelo Apóstolo; Maria, Trifena, Trifosa, Perside... todas que trabalharam muito "pela causa do Senhor"; a mãe de Rufo, que foi também mãe para São Paulo (cf. Romanos 16,1-15); Evódia e Síntique, que "lutaram na propagação do Evangelho"" (Filipenses 4,2-3); Ninfas (Colossenses 4,15) que, como Lídia (Atos 16,15), fez de sua casa um lugar de reunião dos cristãos.

E' muito fácil, para cada um de nós, ver só aquilo que desejamos. Também diante da Palavra de Deus corremos o perigo de selecionar só o que nos interessa, chegando até mesmo a deformar seu sentido. A idéia de "submissão" da mulher parecia tão natural (e confirmada pela Bíblia) que um outro conhecido trecho de São Paulo sofreu por isso.

Em quase todas as traduções da Bíblia, no capítulo 11 da I carta aos Coríntios, versículo 10, está escrito: "a mulher deve trazer o sinal da submissão sobre sua cabeça". Ora, o texto original, em grego, contém uma palavra "exousia", que significa exatamente o contrário: autoridade, poder, autonomia!

A tradução do Novo Testamento da editora Herder (aquela que foi doada pela Comunidade de Taizé em 1970) traz, justamente, "sinal de autoridade". Mas está incorreta, um pouco acima, quando diz: "a mulher é o reflexo do homem". De novo, a palavra grega original (doxa) só pode ser traduzida por "gloria" (e nunca por "reflexo"). E' verdade que a primeira parte do capítulo 11 desta I carta aos Coríntios insiste que "o chefe da mulher é o homem" e que "não foi o homem tirado da mulher, mas a mulher do homem". Porém, o próprio Apóstolo, um pouco mais adiante, esclarecendo (ou corrigindo?) seu pensamento, acrescenta: "No Senhor, nem a mulher é algo sem o homem, nem o homem sem a mulher; porque, como a mulher provém do homem, assim também o homem nasce da mulher, e tudo vem de Deus".

NÃO HÁ MAIS JUDEU, ESCRAVO OU MULHER

"No Senhor...", diz São Paulo. "Em Cristo", ele repete muitas vezes, para indicar a situação nova, a nova Aliança, a fé que salva, tão diferente da "lei" que só denunciava o pecado dos homens.

Os judeus, que viviam debaixo da "antiga Lei", julgavam que só eles mereceriam a salvação. A circuncisão, sinal da Aliança com Deus, em Israel era reservada aos meninos, aos machos.

Os judeus expressavam e expressam a consciência desse privilégio em suas orações da manhã, quando rezam:

"Bendito sejais, Senhor nosso Deus, rei do universo, que não me fizestes estrangeiro.

"Bendito sejais, Senhor nosso Deus, rei do universo, porque não me fizestes escravo.

"Bendito sejais, Senhor nosso Deus, rei do universo, porque não me fizestes mulher".

São Paulo, ao contrário, ensina: "Não há judeu nem grego (=estrangeiro), nem escravo nem livre, nem homem e mulher: todos vós sois um em Cristo Jesus".

São Paulo não lutou diretamente pela abolição da escravidão. Não lutou, também, pela emancipação da mulher. Mas não podemos dizer que Paulo, o Apóstolo, desejasse positivamente, a conservação da desigualdade entre os homens, da escravidão, da submissão da mulher.

Paulo tolerou costumes e situações sociais ou culturais de sua época. Nunca, porém, os confundiu com princípios eternos, com a vontade de Deus.

O judaismo colocava a mulher numa situação de inferioridade, mesmo do ponto de vista religioso. As comunidades cristãs de origem judaica punham restrições à atuação das mulheres nas assembléias e igrejas. Paulo aceitou essas restrições? Em alguns casos, parece que sim. Embora muito menos do que geralmente se pensa. Não só, como vimos, os princípios são claros: a igualdade do homem e da mulher na fé em Cristo. Mas também na prática, Paulo tolera situações e costumes das comunidades, sem deixar de criticá-las e de sugerir reflexões que levem a superá-las. Mesma a famosa frase que citamos no início ("As mulheres fiquem caladas nas igrejas") é, na opinião de muitos exegetas de hoje, um acréscimo que foi feito antigamente ao texto de Paulo e que expressa um costume das comunidades judaicas, não a vontade do Apóstolo.

São Paulo tinha clara consciência de que, com Jesus, também a condição da mulher tinha mudado. São Paulo, como Jesus, acreditava que também as mulheres podiam "lutar pela propagação do Evangelho".

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO
Data 20-26/09/1975
Pág.
Pasta n.°
N.° do recorte 0090-A

CANONIZAÇÃO MARCA O ANO INTERNACIONAL DA MULHER

Dentro da programação do ANO INTERNACIONAL DA MULHER, o Vaticano comemorou o "Dia da Mulher", dele constando como celebração principal, a canonização da primeira santa norte-americana.

Elizabeth Ann Seton, que foi uma rica viúva, mãe de cinco filhos e fundadora da primeira ordem norte-americana de freiras, foi reconhecida pela Igreja Católica como a primeira santa nascida nos Estados Unidos.

A cerimônia de canonização realizada domingo, dia 14, durou duas horas e três minutos e foi assistida por 100.000 pessoas reunidas na praça de São Pedro.

"Santa Elizabeth Ann Seton é norte-americana. Todos nós dizemos isto com júbilo espiritual e com a intenção de honrar a uma terra e a uma nação da qual surgiu maravilhosamente como a primeira flor nativa no calendário dos Santos" — disse o Sumo Pontifice, Paulo VI, em um lento porém entusiástico inglês, durante sua homilia.

A santa norte-americana foi da alta sociedade, apreciava muito a dança e o teatro e se converteu ao catolicismo aos 31 anos de idade, impondo-se a si mesma o ostracismo social e uma quase pobreza para fundar a Congregação das Irmãs de Caridade e torna-se pioneira no sistema de escolas paroquiais dos Estados Unidos.

"Essa belíssima figura de mulher santa dá ao mundo e à História a afirmação de novas e autênticas riquezas que são vossas: a espiritualidade religiosa que a vossa prosperidade temporal pareceu obscurecer e tornar quase impossível", disse o Papa.

"Também o vosso país, os Estados Unidos, é sem dúvida digno, em sua terra fértil, à semente de evangélica santidade. E aí está uma explendida prova, entre muitas outras, desse fato", acrescentou.

Mais de 16.000 norte-americanos sentados diante do altar papal iniciaram um cortês aplauso de 45 segundos quando, às 10,07 horas. A. M. (05,07 horas de Brasília), o Santo Padre disse, em latim.

"... Declaramos e definimos que a beata Elizabeth Ann Bayley Seton é uma santa; inscrevemos seu nome no Calendário dos Santos e estabelecemos que ela deve ser devotamente honrada entre os Santos da Igreja Universal".

UM CAMINHO LONGO E ESPINHOSO

Os leitores certamente desejam saber quem é a nova santa, convertida ao catolicismo aos 31 anos de idade.

— Beatificada em 1963 pelo Papa João XXIII, Elizabeth Ann Bayley Setton, fundadora da Ordem das Irmãs de São José, à primeira santa dos Estados Unidos, após uma campanha de quase um século, cujo primeiro concreto fora dado em 1959 pelo mesmo Pontifice, ao declará-la venerável.

Mais de 16 mil católicos norte-americanos estiveram no Vaticano, a fim de presenciar a cerimônia de canonização, considerado pelo padre Joseph Dirvin, chefe da peregrinação, "um movimento de glória para o catolicismo norte-americano".

O caminho de Elizabeth para a santidade foi longo e espinhoso, arrastando-se por mais de um século. Durante todo este tempo, milhares de pessoas trabalharam pela causa de sua santificação, reunindo documentos e efetuando pesquisas sobre os milagres atribuídos a ela. O primeiro passo nesse sentido foi dado pelo Arcebispo de Baltimore, James Gibbons, em 1882.

Elizabeth Ann Bayley Seton nasceu em 1774, em Nova York numa sociedade essencialmente protestante e conservadora, recém-saída do colonialismo.

Seu pai, Richard Bayley, era médico e foi o primeiro Secretário da Saúde de Nova Yordk. Sua mãe, Catherine Charlton, era filha do Superior Episcopal da cidade.

Aos 19 anos, Elizabeth casou com William M. Seton, filho mais velho de um próspero comerciante de Nova York. Depois de dez anos de difícil vida conjugal, o marido de Elizabeth morreu na Itália em 1803, quando o casal fazia uma viagem de recreio. Ela permaneceu por algum tempo naquele país, com seus cinco filhos.

Quando voltou aos Estados Unidos, anunciou a sua conversão ao catolicismo, abalando as estruturas da sua família e escandalizando o meio em que vivia. Repudiada e Segregada, partiu para Baltimore, onde trabalhou como professora e sanitarista.

Fundou uma organização assistencial e educativa, que tomou o nome de São José e acabou sendo a base da Ordem das Irmãs de Caridade de São José, a primeira essencialmente norte-americana. A Ordem firmou-se e foi crescendo, transformando-se na maior comunidade religiosa dos Estados Unidos.

Madre Seton foi declarada "Venerável", primeiro degrau para a Santidade, pelo Papa João XXIII em 1959. A Igreja considerou que a cura de uma freira da Luisiaia que parecia de cancer, era um milagre.

Em 1963, o mesmo Pontifice a declarou beata depois de comprovar-se que não havia explicação possível para a cura de Ann T. O'Neill, uma menina de 14 anos, de Baltimore, que sofria de leucemia.

Finalmente em 1974, a Igreja aceitou como milagrosa a cura de Carl Eric Kalin, que em 1963 padecia de uma espécie rara de meningite. O processo de investigação desse fato arrastou-se por onze anos.

O decreto de canonização foi assinado pelo Papa Paulo VI, em dezembro passado.

O IMPORTANTE PAPEL DA MULHER, HOJE

Pelo que se sabe, Paulo VI está bastante interessado na comemoração do Ano Internacional da Mulher para mostrar ao mundo o importante papel que, em todos os tempos compete à mulher na vida das comunidades, mas principalmente ele deseja fazer sentir o quanto a mulher poderá ser útil se souber desempenhar a contento o seu verdadeiro papel.

Muito recentemente, a 17 de agosto último, o Papa mencionou diretamente o assunto passando diante de uma multidão reunida na Praça de São Pedro. Referindo-se à festa da Assunção de Maria Santissima, Paulo VI aludiu ao Ano Internacional da Mulher e relacionou-o com o melhor conhecimento do "posto único, insubstituível e felicissimo", atribuido à Virgem Maria, na "economia religiosa da nossa salvação", e acrescentou que isso pode resultar reivindicado, fortalecido, sublimado, o feminismo moderno."

Neste contexto, o papa auspiciou um "progresso da função da mulher na vida profissional e social" e ao mesmo tempo, "tutelando a dignidade e a missão da mulher", da mulher cristã, especialmente, que o designio de Deus lhe destinou, como filha suave, como virgem pura e forte, como esposa amorosa, como genitora, sobretudo, sempre sagrada e digníssima, e também como viúva pia, dolorosa e laboriosa".

Também no curso de sua dissertação, Paulo VI reiterou que na concepção cristã da mulher "se deve encontrar o reconhecimento de seus direitos humanos e civis, e a defesa de suas euperlativas pragmáticas naturais"..

MENSAGEM DO CONCÍLIO ÀS MULHERES

Agora, é a vós que nos dirigimos, mulheres de todas as condições, filhas, esposas, mães e viúvas; a vós também virgens consagradas e mulheres solteiras. Sois a metade da imensa família humana.

A Igreja sente-se orgulhosa, vós o sabeis, por haver libertado a mulher, por ter feito resplandecer, no curso dos séculos, na diversidade de suas características, sua igualdade acentuada com o homem.

Porém, chegava a hora, já chegou a hora em que a votação da mulher atinge sua plenitude, a hora em que a mulher adquiriu no mundo uma influência, um peso e um poder que jamais teve outrora.

Por isto, neste momento em que a humanidade conhece uma mudança tão profunda, as mulheres imbuidas do espirito do Evangelho, podem ajudar muito a humanidade a não se degenerar.

Vós, as mulheres, tereis sempre como missão a guarda do lar, o amor às fontes da vida, o sentido do tempo. Estais presentes no mistério da vida que começa. Consolais na partida da morte. Nossa técnica corre o risco de converter-se em inumana. Velais, nós vo-lo pedimos, pelo futuro de nossa espécie. Impedi à mão do homem que, em um momento de loucura, intente destruir a civilização humana.

Esposas, mães de família, primeiras educadoras de gênero humano no segredo dos lares, transmiti a vossos filhos e a vossas filhas as tradições de vossos pais, ao mesmo tempo em que os preparardes para o futuro insondável. Lembrai-vos sempre de que u'a mãe pertence, por seus filhos, a esse porvir que ela não verá provavelmente.

E vós, também, mulheres solteiras, sabei que podeis cumprir totalmente vossa vocação de dedicação. A Sociedade vos chama de todas as partes. E as próprias famílias não podem viver sem a ajuda daqueles que não têm família.

Vós, sobretudo, virgens consagradas, em um mundo onde o egoismo e a busca de prazeres quiseram fazer a lei, sede guardiãs da pureza, do desinteresse, da piedade.

Jesus, que deu ao amor conjugal toda sua plenitude, exalta também a renúncia a esse amor humano, quando se faz por amor infinito e pelo serviço a todos.

Mulheres do universo todo, cristãs e infiéis, a vós a quem está confiada a vida, neste momento tão grave da história, deveis salvar a paz do mundo.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO
Data 20-26/09/1975
Pág.
Pasta n.º
N.º do recorte 0090-B

ANISTIA E RECONCILIAÇÃO

Alceu Amoroso Lima

As mulheres não são intrinsecamente melhores ou piores do que os homens. Nem os moços melhores ou piores do que os velhos. Nem as oposições melhores ou piores do que os governos. E, no entanto, é sobretudo com as mulheres, com os moços e com as oposições que temos de contar, neste nosso mundo moderno, se ainda subsiste alguma esperança de atravessarmos, sem uma terceira guerra universal, esta passagem de uma civilização baseada na onipotência do capital. Para uma civilização baseada na sua humanização, pela liberdade da política e pela justiça social. Temos de contar com as oposições, a despeito dos espetáculos desalentadores que ultimamente nos têem oferecido, em Portugal, pois a marcha ao absolutismo político não é privilégio, nem da direita nem da esquerda, e sim um virus corrosivo que ataca atualmente os governos, como sempre contaminou, ao longo da história, os detentores do poder. E hoje mais do que em qualquer tempo, dada a profunda transmutação de valores de que está participando o mundo inteiro, mormente com o poderio militar tremendo de que os governantes desfrutam em face das oposições desarmadas.

Temos de contar com a juventude, embora o exemplo de 1968 em França tenha sido uma decepção, exatamente porque lhe foi dada, de um momento para outro, uma responsabilidade, para a qual não estava devidamente preparada. E se isso ocorreu em França, onde a tradição cultural e mesmo educacional vem de séculos, que diremos entre nós, onde especialmente há doze anos essa juventude, em que afinal estão as forças biologicamente mais vivas da nacionalidade, vem sendo sistematicamente marginalizada, traída e frustrada em suas esperanças e em sua indispensável preparação política para a futura participação no poder.

Temos de contar, acima de tudo, com as mulheres, a despeito do que acabamos de assistir nos Estados Unidos, se quizermos realmente que a paz e a liberdade não sejam apenas metas teóricas ou ideal remotos e sim instrumentos imediato e eficazes, para que essa transmutação de valores, em que toda a humanidade está engajada e nós com ele (pois não somos nem o oasis dos ufanistas, nem o quintal dos entreguistas), se processe de modo a poupar o mais possível, à nossa humanidade, a volta a uma nova idade antropofágica.

Foi aquele humilde e formidável João XXIII, ao marcar com seu efêmero pontificado uma data irreversível na história da Igreja, que resumiu, em uma síntese memoravel, os três pontos cruciais dos novos tempos, em seu aspecto racional e projetivo: a elevação social das classes trabalhadoras; o fim do colonialismo e a promoção do sexo feminino. Esse último ponto é que explica a proclamação deste ano de 1975 como sendo o Ano Internacional da Mulher. Se as mulheres não são, por natureza, melhores ou piores do que os homens, sempre foram tratadas, em todas as grandes civilizações, como inferiores aos homens. E de modo paradoxal, na civilização jurídica por excelência, como ao menos pretendeu ser a civilização romana. A correção dessa anomalia, tanto jurídica como religiosa, moral, econômica e cultural, é que representa ou pelo menos deve representar a finalidade de um ano oficialmente proclamado como o Ano da Mulher.

Entre nós, dadas as condições históricas em que nos encontramos, todos sabem o papel que as mulheres representam no início desta última fase política de nossas instituições nacionais. Pois bem, seja qual for o juizo que se tenha a respeito desse papel por elas representado em 1964, cabe-lhes em 1975 uma tarefa ainda mais relevante. Cabe-lhes a restituição, ao povo brasileiro, dessa palavra que o Papa Paulo VI, poucos meses atrás, proclamou como sendo a fórmula capaz de trazer ao mundo moderno, se não ficar apenas na palavra, o que mais lhe falta neste momento crucial de sua história. Nesta hora, marcada universalmente pela violência, pelo fanatismo, pelo sectarismo, pelas guerras, crises e revoluções, a palavra redentora é Reconciliação. Assim falou o Santo Padre. Assim devemos falar em nossa terra, neste momento histórico em que está em jogo o próprio destino do nosso futuro. Ora, o outro nome de Reconciliação é Anistia. A anistia para os crimes políticos, como encerramento de uma época e como abertura de um novo momento histórico. Se quizermos preservar a nossa unidade nacional, comecemos pela Anistia. Se quizermos vencer a nossa atual crise econômico-financeira, reflexo da crise universal, Anistia. Se quizermos que a nossa mocidade saia do seu marasmo, Anistia. Se quizermos combater o terrorismo, Anistia. Se quizermos que a condição lamentável do nosso homem do campo se humanize, Anistia. Se quizermos que o nosso parque industrial, o maior da América Latina, não seja uma colossal usina de poluição mas um processo de elevação social do operário urbano, Anistia. Se quizermos que o nosso Desenvolvimento seja realmente humano e não apenas econômico, Anistia. Se quizermos que o nosso futuro seja digno de nossas tradições do passado, na voz de Rui Barbosa, Anistia. Se quizermos que nossas forças armadas sejam herdeiras da lição de Caxias, Anistia. Se quizermos que o nosso povo participe realmente do futuro de nossas instituições e não seja apenas instrumento de oligarquias nacionais ou interesses econômicos multinacionais, Anistia. Se quizermos, em suma, defender a nossa independência nacional e preparar a liga de humanismo brasileiro, com que podemos colaborar para a civilização universal, como potência mundial que um dia seremos, recomecemos pela Anistia.

Ora, se é verdadeiro como creio, aquele famoso ditado francês que nos diz "se que femme veut Dieu le veut", pois Deus quer o que as mulheres querem, não seria então obra mais digna de ser empreendida pelas mulheres brasileiras, neste ano que também lhes pertence, do que essa cruzada pela anistia política. Quem sabe, se esse movimento virá trazer, para o Brasil, o nosso primeiro prêmio Nobel, prêmio da paz e da fraternidade, prêmio da Reconciliação de um povo consigo mesmo. Este apelo que ouso fazer às mulheres brasileiras neste Ano Internacional da Mulher.

MARIA E A MULHER DE HOJE

Alberto Antoniazzi

AUTOR da série de artigos já publicada sobre "O Cristão e a Emancipação Feminina". Pe. Alberto Antoniazzi trás hoje, numa prossecução de seus estudos sobre o tema, uma análise sobre a figura da Virgem Maria, "mulher por excelência" e "modelo de todo cristão", abordada a partir da perspectiva da mulher contemporânea.

Durante esta pequena série de artigos, em que procuramos ressaltar aspectos muitas vezes esquecidos da imagem da mulher na Bíblia, insistimos um pouco sobre o perigo de entendermos mal a Palavra de Deus. Isto acontece quando estamos demasiado apegados as nossas idéias, ou às idéias de nossas épocas, e poucos atentos àquilo que Deus quer nos falar. Isto acontece também porque Deus nos fala através de exemplos concretos, de fatos acontecidos em outras épocas, de vidas de pessoas que estavam em outro contexto. Ler a Bíblia, em suma, exige sempre um esforço de inteligência na fé.

Mesmo a respeito de Maria Santissima, para a qual muitos cristãos experimentam um sentimento de intimidade filial, que lhes dá a certeza de conhecê-la e compreendê-la profundamente, é possivel se formar uma imagem incompleta ou mesmo inadequada.

Não pretendemos aqui nada acrescentar às coisas belíssimas e profundas que santos e poetas escrevem sobre Maria. Só vamos procurar mostrar a partir da Bíblia e especialmente dos Evangelhos como a imagem corrente tradicional de Maria Santissima pode se enriquecer e se precisar.

MARIA, A PRIMEIRA DOS CRISTÃOS

Pode-se falar de Maria como Virgem, Esposa ou Mãe. Pode-se falar de Maria como "filha de Sião" (como figura do povo eleito, amado por Deus), como modelo de Igreja (a nova Sião, a nova Jerusalém). Pode-se ver nela a mulher por excelência.

Mas, fora de qualquer duvida, Maria nos Evangelho aparece em primeiro lugar como exemplo de fé, como exemplo para todo cristão que confia em Deus e no seu Filho Jesus.

Como diz a Exortação Apostolica sobre o culto à B. V. Maria (2.2.1974): "A Virgem Maria foi sempre proposta pela Igreja à imitação dos fiéis, não exatamente pelo tipo de vida que ela levou ou, menos ainda, por causa do ambiente sócio-cultural em que se desenrolou sua existncia, hoje superado quase por toda parte; mas sim porque, nas condições concretas de sua vida, ela aderiu total e responsavelmente à vontade de Deus (cf. Lucas 1.38); porque soube acolher a sua palavra e pô-la em prática; porque a sua ação foi animada pela caridade e pelo espirito de serviço; e porque, em suma, ela foi a primeira e a mais perfeita discipula de Cristo — o que naturalmente tem um valor exemplar universal e permanente" (n.o 35).

Jesus, de um modo que pode até parecer brusco, ressaltou ele mesmo que não se deve olhar antes de tudo para a maternidade física, carnal, de Maria, mas para a fé. Foi quando Jesus respondeu à mulher que elogiava "o ventre que te trouxe, os peitos que te amamentaram", dizendo: "Feliz, antes, o que ouve a Palavra de Deus e a pratica".

E quem, mais do que Maria Santíssima, acolheu e viveu a Palavra de Deus? Nem precisa recordar as palavras do Evangelho a esse respeito, que são tão conhecidas. Maria é aquela que diz "sim" à mensagem de Deus, trazida pelo Anjo na Anunciação. Maria é aquela que acolhe no seu seio e na sua vida o próprio Cristo. É aquela que, serva do Senhor, faz a vontade de Deus e nos ensina a fazer "tudo aquilo que Ele vos ordenar" (cf. João 2,5).

Maria conserva a palavra de Deus no seu coração, mesmo quando não a compreende (cf. Lucas 2.50-51). Maria segue Jesus até a cruz, quando toma toma o lugar de Eva, a "mãe dos viventes", para se tornar a mãe de todos os discipulos de Jesus, de todos os que crêem (João 19,25-27).

MARIA E A MULHER DE HOJE

Como exemplo de fé, Maria é modelo de todo cristão, homem e mulher, em todas as épocas. Mas isso não exclui que Maria possa se tornar, de um modo especial, também exemplo para a mulher de hoje. Não modelo a ser imitado materialmente, nas aparências exteriores Mas fonte de inspiração e de libertação para uma existência plenamente cristã e plenamente humana da mulher.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO
Data 20-26/09/1975
Pág.

Pasta n.º
N.º do recorte 0090-C

Citamos de novo o Papa Paulo VI:

"A mulher contemporânea, desejosa de participar com poder de decisão nas opções da comunidade, contemplará com íntima alegria a Virgem Santíssima, que, assumida para o diálogo com Deus, da o seu consentimento ativo e responsável, não para a solução dum problema contingente, mas sim da "obra dos séculos", como foi designada com justeza e encarnação do Verbo. Dar-se-á conta de que a escolha do estado virginal por parte de Maria, que no desígnio de Deus a dispunha para o mistério da Encarnação, não foi um ato de fechar-se a qualquer dos valores do estado matrimonial, mas constituiu uma opção corajosa, feita para se consagrar totalmente ao amor de Deus. Verificará, com grata surpresa, que Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é o vingador dos humildes e dos oprimidos e derruba de seus tronos os poderosos do mundo (cf. Lc. 1.51-53). E reconhecerá em Maria, que é "a primeira entre os humildes e os pobres do Senhor", uma mulher forte, que conheceu de perto a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (cf. Mt. 2,13-23), situações estas que não podem escapar à atenção de que quiser secundar, com espírito evangélico, as energias libertadoras do homem e da sociedade. E não lhe aparecerá Maria, ainda como uma mãe ciosamente voltada só para o próprio Filho divino, mas sim como aquela mulher que com a sua ação favoreceu a fé da comunidade apostólica em Cristo (cf. João 2.1-12) e cuja função materna se dilatou, vindo a assumir no Calvário dimensões universais" (Exortação Apostólica sobre o culto à B. V. Maria, n.o 37).

Maria uma vez — como procuramos fazer até aqui, nesta breve visão de imagem da mulher na Bíblia — também diante de Maria SS.ma, trata-se de não projetar nossa imagem da mulher ou da nossa época sobre a Bíblia, mas de deixar que a Palavra de Deus questione nossas imagens e nos faça compreender melhor o Plano de Deus sobre a humanidade.

Esse plano, cremos, muito mais que ressalta a diferença de papéis entre homem e mulher (o que muito varia nas épocas e nas diversas culturas), ressalta a igualdade fundamental da vocação de ambos: homem e mulher, pessoas chamadas à plenitude de seu desenvolvimento humano e à comunhão, na fé e no amor, com Cristo.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: FSP
Data 05/10/1975
Pág. 66

Pasta n.º
N.º do recorte 0091-A

As leis em que a discriminação pode se basear

FSP 5/10/75 p. 66

A participação feminina na força-de-trabalho brasileira vem aumentando anualmente mas a legislação trabalhista — aprovada em maio de 1943, 32 anos atrás — nem sempre tem-se mostrado em condições de acompanhar a evolução registrada.

Por isso, algumas disposições, decididas para proteger a mulher no trabalho, acabaram se tornando, mais modernamente, em fatores, ou motivos, ou pretextos para afastar a mulher de promoções, para impedir seu acesso a determinadas atividades ou a inibir seu avanço.

A Consolidação das Leis do Trabalho inclui alguns capítulos, parágrafos e artigos específicos à mulher (como ao menor) pretendendo defendê-la.

Isso é importante e necessário, sabido que em geral a mulher significa 50% da força-de-trabalho nacional.

A CLT tem sido alterada à medida em que as novas exigências do mercado tratrabalho vão aparecendo. Abrem-se, então, alguns precedentes, como o de 1973, durante certa crise na construção civil, quando foi permitida a participação da mulher nessas funções, antes proibidas pela legislação. O trabalho noturno, em princípio proibido à mulher, pode ser autorizado em uma série de casos: desde o trabalho em computadores eletrônicos ou na compensação bancária até o trabalho em empresas de couro que tenham contratos de exportação a cumprir...

NO QUE TRABALHAR

Assim, devido ao artigo 387 da CLT, no seu capítulo III, seção IV (dos métodos e locais de trabalho), as mulheres não podem trabalhar nos trechos subterrâneos do metrô , nem em mineração de subsolo mesmo que seja geóloga ou engenheira;, mulher não pode vender gasolina nos postos de serviço.

Isto porque o referido artigo proibe o trabalho da mulher nos subterrâneos, nas minerações em sub-solos, nas pedreiras e obras de construção pública e particular; e nas atividades perigosas ou insalubres, especificadas no quadro para este fim aprovado.

Este quadro se refere a serviços em que estão incluidas emanações nocivas, como na fabricação e manipulação com ácidos fosfórico, acético, azótico, pícrico, salicílico e sulfuroso; fabricação e depósito de adubos químicos, de composição mineral ou orgânica; fabricação de anilinas (corantes) e produtos derivados; tratamento da borracha com enxôfre, clorureto de enxôfre, éter, sulfureto de carbono, benzina e nafta; câmaras frias em que haja vapores ácidos ou de amoníacos; fabricação de carvão animal; fabricação de cloro, de hipoclorureto de cálcio e de compostos ou preparados contendo cloro ativo; sulfato de cobre e outros compostos tóxicos de cobre; curtimento e preparação de couros por processos químicos; quaisquer trabalhos com chumbo, dissolventes químicos voláteis e inflamáveis; destilação de carvão de pedra, de madeira, xistos betuminosos, querosene, óleos minerais, resinas, alcatrão de origem vegetal ou animal; destilação de líquidos alcoólicos; douradura, trabalhos com esmaltes, estanhagem de vidros e espelhos; fabricação dos éteres sulfúricos e acético, galvanoplastia, fabricação de gelatina; impermeabilização de tecidos com produtos voláteis e inflamáveis, benzinas, nafta, etc; limpeza e trabalho nos matadouros, trabalhos com mercúrio, extração de óleos por meio de dissolventes químicos voláteis, refinação do ouro por meio de ácidos, fabricação de sais de prata, trabalho com ácidos e produtos nocivos nas tinturarias.

Além destes setores praticamente fechados para a figura feminina, existem aqueles que oferecem os perigos de acidentes. São: fabricação e manipulação dos ácidos sulfúricos e clorídricos, afiação de instrumentos e peças metálicas em rebolo ou a esmeril (rebolo: mó de arenito, fixada num eixo giratório e na qual se roçam os objetos que se deseja afiar; esmeril óxido de ferro que pulverizado serve para polir metais), fabricação e transporte de explosivos; depósito, transporte de inflamáveis; fabricação da potassa, da soda e fabricação e aplicação de sulfureto de carbono; fabricação e aplicação a quente de vernizes, fabricação de álcool, fabricação de óleos.

E também é proibido o trabalho da mulher quando este oferece perigo de envenenamento. Desta maneira, com acidos, arsênicos, e seus preparados; fabricação do fósforo, excluindo-se o empacotamento, manipulação com resíduos animais, dissecação, depósito e preparados de sangue, preparação ou aplicação de tintas que contenham produtos tóxicos.

A Consolidação das Leis Trabalhistas destina largo espaço para a proteção da mulher no trabalho.

É também proibido o trabalho feminino em atividades onde se exige tarefa atenta e prudente, como a fabricação de colódio (utilizado para a produção de tintas e vernizes), celulóide e produtos nitrados análogos. E quando esta ocupação liga-se à existência de poeiras e vapores nocivos, como a calcinação de minérios, pedra de cal, madeira, e ossos, e trabalhos com pele.

OS OUTROS ARTIGOS

O artigo 388 da CLT, no entanto, afirma que se houver exame e parecer da autoridade competente, o ministro do Trabalho poderá estabelecer derrogações (anulações) totais ou parciais às proibições, a que se refere o artigo anterior, quando tiver desaparecido nos serviços considerados perigosos ou insalubres, todo e qualquer caráter perigoso e prejudicial mediante a aplicação de novos métodos de trabalho ou pelo emprego de medidas de ordem preventiva.

O artigo 389 estabelece obrigações para as empresas, no sentido de preservar o trabalho feminino, obrigações que em grande parte são esquecidas pelas empresas, assim como pelos fiscais das delegacias regionais de trabalho encarregados de fazer as vistorias anuais.

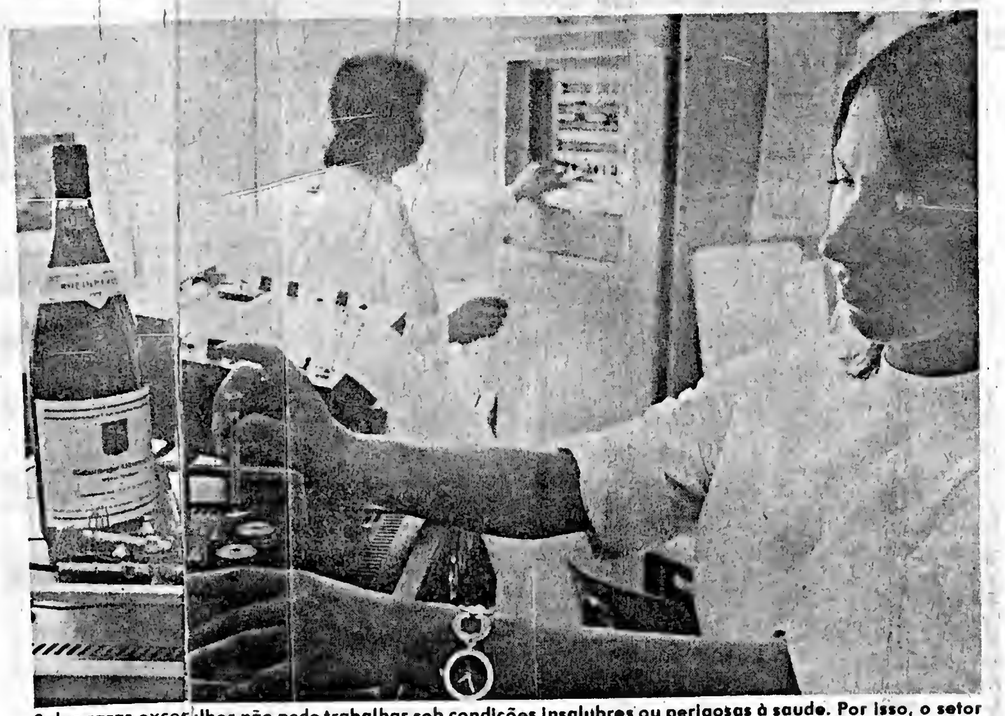
Assim, a lei estabelece que toda empresa é obrigada a prover os estabelecimentos de medidas concernentes à higienização dos métodos de trabalho (e também locais), tais como a ventilação e iluminação e outros que se fizerem necessários à segurança e conforto das mulheres, a critério da autoridade competente.

Além disso, as empresas também devem instalar bebedouros, lavatórios, aparelhos sanitários e dispor de cadeiras ou bancos, em número suficiente, que permitam àsmulheres, como aos homens, trabalharem sem grande esgotamento físico.

Exige-se, ainda, a instalação de vestiários com armários individuais privativos das mulheres e o fornecimento, gratuito, de recursos de proteção individual para a defesa dos olhos, do aparelho respiratório e da pele, de acordo com a natureza do trabalho.

O parágrafo 1.º deste artigo afirma que os estabelecimentos em que trabalharem pelos menos 30 mulheres, com mais de 16 anos de idade, terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância ou assistência os seus filhos no período da amamentação. E o parágrafo 2.º estabelece que as exigências do parágrafo anterior poderão ser supridas por meio de creches distritais mantidas, diretamente, ou mediante convênios, com outras entidades públicas ou privadas, pelas próprias empresas em regime comunitário, ou a cargo do SESI, do SESC, da LBA ou de entidades sindicais.

O artigo 390 proibe o empregador de contratar a mulher para serviço que demande o emprego de força muscular superior a 20 quilos para o trabalho contínuo, ou 25 quilos para o trabalho ocasional. O parágrafo único admite que não está compreendida na determinação, a remoção de material feita por impulsão ou tração de vagonetes sobre trilhos, carros de mão ou quaisquer aparelhos mecânicos.



Salvo raras exceções, a mulher não pode trabalhar sob condições insalubres ou perigosas à saude. Por isso, o setor químico é-lhe muito.

E algumas exceções são possíveis. Como no caso dos computadores.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: FSP
Data 05/10/1975
Pág. —

Pasta n.º
N.º do recor

Oriana Fallaci na questão feminina

FSP 5/10/75

Oriana Fallaci, a jornalista italiana que nos últimos anos parece ter-se convertido em uma das mais conhecidas na sua profissão em todo o mundo, acaba de lançar, na Italia, um livro que, de certo modo, surpreende. O livro tem o título "Lettera a un bambino mai nato" (Carta a um menino que não nasceu) e pela primeira vez, Oriana deixa os assuntos "masculinos" que sempre preferiu, para escrever especificamente sobre uma questão "feminina".

Depois de ter-se tornado conhecida em todo o mundo pelas coberturas jornalísticas (muitas vezes depois transformadas em livros) no Vietnã, no México, em Portugal, acompanhando todas as crises políticas, Oriana resolve escrever sobre a vida, a morte, a dúvida de cada mulher sobre a sua capacidade de gerar a vida no mundo atual.

A própria Oriana explica como é o seu livro: em forma de monólogo, conta a história de uma mulher, solteira, com um bom emprego, que engravida, sem que o pai da criança queira assumir a responsabilidade. Ela, então, resolve, contra todas as opiniões de seus amigos, fazer nascer seu filho e decide prepará-lo para a dura vida que, acredita, vai lhe ser apresentada. E a mulher conta, a cada dia, em diálogo com seu filho, as coisas que acontecem, usando 3 historietas básicas — na primeira, ensina que não se pode colher uma flor sem condená-la à morte; na segunda, amargamente, explica que quem come bombom e chocolate é quem menos precisa disso; na terceira, narra a dramática história de um homem que é fuzilado por ter roubado um pedaço de pão. Durante todo o livro, os sentimentos da mulher se dividem entre as crises de rejeição do início da gravidez, o desejo de ter a criança e a animosidade pela sua prepotência, pelos sacrifícios que o bebê lhe impõe.

Oriana Fallaci tem novo livro: Carta a um Menino que Não Nasceu.

O problema da mulher se resolve pela morte do bebê, em um aborto espontâneo. A mulher se surpreende, sofre e se culpa por ter perdido o filho " porque se pode matar sem uma arma, mas com o pensamento". O pai, que antes havia renegado o filho, ressente-se da perda; o diretor da empresa onde a mulher trabalhava se congratula por não perder tempo algum da boa funcionária; a amiga sente que a mulher venceu sobre uma característica física que a escravisaria (a maternidade, exclusiva da mulher mas também responsabilidade do homem). Os pais da mulher não a condenam nem a médica que a atendia (esta diz: "deveríamos vestir luto por todos os bebês que não conseguem nascer, também").

A este ponto, Oriana propõe, no seu livro, um impasse: a mulher deve ser condenada por ter perdido o filho ou deve ser parabenizada por ter-se livrado de algo incômodo?

A resposta será dada pelo filho não nascido ("o único que deve decidir o caso e que não está mais aqui", como disse a mãe da mulher em questão).

"Você me matou sem ter-me matado. Você me ensinou que não há salvação no formigueiro, que não há chance de se fugir às suas leis egoistas", diz ele.

A mãe lhe havia ensinado a dor de viver: esquecera de lhe explicar o objetivo da vida. E o bebê com estas informações que recebia da mãe ao mesmo tempo em que recebia seu alimento uterino, decidira não viver. E ao mesmo tempo em que condena a mãe, o bebê a perdoa: "não chore, eu a perdoo. E nascerei, em uma outra vez".

A mulher entra, então, em uma segunda grande dúvida: ela errou, mostrando um mundo negativo mesmo se ela sempre lutou para se manter nesta vida? O bebê errou, mostrando ser um covarde?

O livro termina: a mulher terminou essa longa batalha e está à morte. O que significa este final? Oriana explica: "é sempre a mulher que paga, é sempre a vítima. A mulher morre dizendo ao filho que nenhuma das duas mortes importa, porque a vida continua". "O livro não defende a vida como uma coisa bela — e é isso que a mãe diz logo ao filho — mas como algo cansativo, importante, que deve ser vencida a cada dia mas que vale sempre a pena, porque pior do que tudo é não ter nascido, não existir, não ser", comenta Oriana. Por isso, o livro serve para fomentar as discussões, em vigor em muitos países latinos, a propósito da liberação ou não do aborto: "desde o primeiro minuto, a mãe considera seu filho como um ser vivo: "esta noite, soube que você está aqui: uma gota de vida que surgiu do nada".

Moravia, em 65 contos a posição da mulher

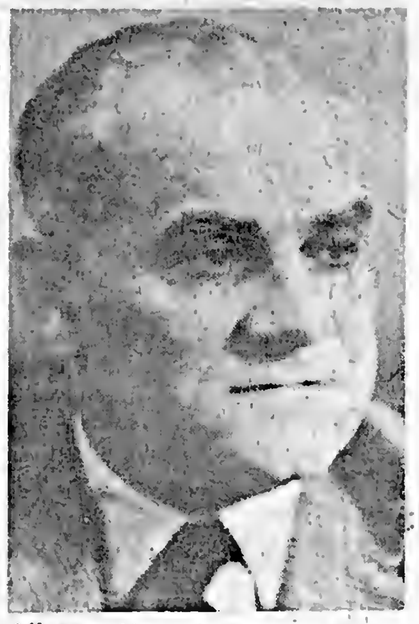
ROMA — (ANSA) — Alberto Moravia vem escrevendo para um grande jornal de Milão uma série de contos nos quais a mulher é, ao mesmo tempo, protagonista e narradora, pois são escritos sempre na primeira pessoa. Boa parte destes contos já foi publicada em dois livros: "O Paraiso" e "Uma Outra Vida". Mais do que de relatos, são monólogos: em cada um, uma mulher expõe a sua própria história e o seu próprio problema e todos juntos compõem uma ampla galeria na qual o escritor vem representando a situação da mulher no mundo atual.

Segundo uma comentarista, essescontos ou monólogis de mulheres "relatam a opacidade, a inquietação, a nova consciência, a recusa de uma feminilidade imposta, a impotência de subtrair-se a tal imposição, arraigada no seu íntimo há milênios e, consequentemente, a fuga da realidade ou a queda na exasperação da imagem já inaceitável de si mesma".

Uma conhecida ensaista de espírito feminista, Carla Ravaioli, estudou os 65 contos contidos nos novos livros de Moravia, e também manteve com o escritor um longo diálogo sobre o tema mulher. O resultado é "A Mutação Feminina" da autora, que a Editora Bompiani acaba de publicar. O livro é uma longa entrevista na qual um homem "original e profundo" e uma feminista convicta falam de modo original sobre a condição da mulher.

Segundo Carla Ravaioli, as mulheres de Moravia expressam, mediante a descrição da relação das suas mútuas relações, com os homens que as usam sem vê-las, com o que a sociedade pretende delas ou que lhes oferece e impõe-lhes, todos os temas revolucionários do feminismo militante.

Para Moravia "a familia atual é um membro atrofiado do corpo social. É uma fuga da



Alberto Moravia conta, em 65 histórias, a vida diária da mulher comum.

realidade, um refúgio na guarida dos afetos, um prolongamento da infância e dos seus compelxos de Édipo". São muitas as situações de contraste ou de ruptura (cada um dos 65 contos analisa uma) das quais a mulher de outros tempos não captavam e, ao contrário, as mulheres de hoje têm consciência delas e querem rebelar-se. "Mas não basta saber. As vezes, saber impede de atuar. Um excesso de consciência, uma hipertrofia da consciência critica, anula, ou pelo menos diminui, a capacidade de crer, de propor-se objetivos definidos, de determinar o momento da ação, ou seja, o momento em que se impõe um modelo positivo destinado a substituir tudo aquilo que a conscientização destriu. Este novo modelo feminino hoje ainda está em falta".

Em suma, Moravia acredita que o feminismo ainda não acertou em propor uma nova imagem da mulher. Acrescenta que o feminismo é até hoje um fenômeno limitado e quase desconhecido: "Para impor-se, o feminismo tem que envolver não só a mulher como também o homem; de outro modo, não serve para nada".

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O São Paulo
Data 4-10/10/1975
Pág.
Pasta n.º
N.º do recorte 0093

Considerações sobre o menor abandonado

A existência de problemas sociais não é exclusiva de países pobres. Nações desenvolvidas reconhecem oficialmente a presença de necessitados, e aos milhões, como os Estados Unidos.

Em nosso meio, aumenta a preocupação com a problemática dos menores abandonados. Eles aí estão, nas esquinas, nas ruas. O simples aspecto nos fala de suas privações. As reclamações se avoluam e se originam em causas diversas: Perturbam a falsa tranquilidade dos egoistas; incomodam a consciência dos cristãos; finalmente, interrogam sobre as responsabilidades coletivas, incriminando a comunidade inteira.

A existência do jovem com carências ou conduta anti-social afeta toda a sociedade e lhe impõe um dever de proporcionar condigno atendimento ao problema que, eclodindo hoje, atinge diretamente o futuro.

Costumo recordar um quadro verídico que se repete em nossa cidade. O garoto maltrapilho tenta vender uma rosa a um casal que sai de uma casa noturna. Em plena madrugada, ele procura ganhar o sustento. A disparidade entre o esbanjamento e a miséria é sintoma de um profundo mal estar que prejudica os alicerces de nosso meio social. Por que acusá-los a eles e não às causas dos seus males?

O mesmo se diga da propaganda pornográfica que enfraquece a família. Consequentemente os filhos sofrem os efeitos da dissolução da estrutura doméstica que se pretende ampliar com o divórcio.

Há pouco tempo, atendendo a um convite da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM) e a imperativos de ordem pastoral, fui pessoalmente inteirar-me do esforço dispendido por esta entidade.

Nas instituições que visitei pude constatar a eficácia do trabalho desenvolvido em favor desses nossos irmãos. Em ambiente favorável(muitos reconstroem um futuro promissor.

Lendo um levantamento realizado recentemente, verifico que entre os 7.981, ex-internos, nascidos entre 1948 e 1956, matriculados em unidades da FUNABEM até 1974, 818 foram encontrados entre presidiários, ao atingirem a maioridade, por infração ao Código Penal Brasileiro. Eles correspondem a 1,46% de nossos apenados, em dois presídios estudados. Aliás 66% já voltaram ao convívio social. Dadas as circunstancias, esse número revela um nível elevado de recuperação por parte da entidade. Merece ser divulgado, pois é comum constatar as falhas e nem sempre os aspectos positivos.

Mais importante que esses dados, é o espírito que se vem criando para enfrentar o mal com métidos eficazes. Além disso, a Fundação procura divulgá-los e incentivá-los nos diversos Estados da Federação.

Essa nova mentalidade é credora de nosso apoio e estímulo, embora os resultados sejam obtidos somente no futuro. Por outro lado, creio serem necessárias medidas a curto prazo, que impeçam uma série de abusos no momento presente. Elas também darão mais credibilidade ao esforço dispendido. Por parte da Igreja, sem citar números, podemos afirmar ser de grande e valiosa a contribuição prestada por nossas Paróquias e Instituições religiosas para amenizar esse problema. Toda educação Cristã representa importante ajuda à preservação ou recuperação de nossa juventude.

Cumpre insistir no dever que pesa sobre toda a Sociedade, quer prevenindo, quer impedindo as causas para corrigir os efeitos negativos.

Recordemos que o problema do menor é consequência, ora de uma injusta distribuição de rendas, ora da desagregação do lar, ou, ainda, do mau uso da liberdade.

No primeiro caso, a conduta anti-social do adolescente antes de lhe ser atribuída, por ser debitada na deficiência estrutural de nosso meio.

A elevação do nível moral traz exigências as mais diversas. Ela é essencial em qualquer atitude preventiva nessa matéria, inclusiva contra o funesto mal das drogas.

Resta o uso devido da liberdade. Famílias cristãs podem experimentar o travo da desilusão, após uma esmerada educação religiosa. Os resultados dependem da aceitação ou não por parte do educando. A graça de Deus não falta, mas todo homem conserva a possibilidade de rejeitar o que lhe é proposto.

A consciência social, diante do problema do menor, é da maior importancia. Assim, por exemplo, a mãe em seu lar deve também se preocupar com os filhos da doméstica. Os jovens da família abastada evitem o esbanjamento para que outros da mesma idade possam ser atendidos.

O carinho é necessário e poderá ser de grande valor para aqueles carentes de afeto e compreensão. Ele custa tão pouco!

Com essa visão cristã muitos poderão ser recuperados; males serão sanados para que o futuro desses nossos irmãos possa ser mais risonho.

Somente assim, a tranquilidade retornará à consciência de muitos que constituem esta Sociedade onde vivemos.

(Cardeal Sales)

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: FOLHA S. PAULO
Data: 12/10/75
Pág.: —

Pasta n.º
N.º do recorte

Em 10 milhões de crianças, 3 milhões estão abandonadas

Uma creche fundada há muitos anos segue a nova filosofia da Pro-Menor — unir, nem que seja por poucas horas, mãe e filhos, para que a mãe se sinta mais responsável pelos filhos e para que as crianças sintam que têm um lar, por mais carente ou deficiente que este possa ser. A creche é o Lar Bibi Monteiro, anexado à creche Mário Simonsen, da Cruzada Pró-Infância e atende 130 crianças de 3 a 6 anos de idade (70 meninos e 60 meninas) em regimes de semi-internato e internato. A Cruzada foi fundada por uma benemérita, de destaque na vida paulistana, Perola Byington (e sua irmã Mary Ellis McIntyre Filho) e a creche é hoje dirigida por Rosa Maria Marão, orientadora da instituição há 15 anos. Ela explica: "Em geral atendemos filhos de mães solteiras ou de pais separados que não podem manter em casa os filhos. Mas fazemos questão que as crianças sejam levadas para casa (sempre que possível) no domingo. E isso parece ser bom: as crianças voltam sempre mais animadas do que estariam se ficassem sempre na creche".

O Lar mais parece uma casa de campo, na avenida Nova Cantareira: tem jardim, horta e parquinho. Em 1953 foi fundado com o nome de Fundação do Lar e estava instalado em uma casa menor. Em 1955, mudou-se para a atual, doada por dona Bibi Monteiro, cujo nome adotou. "Pouco a pouco, conta dona Rosa, fomos aumentando as dependencias, criamos a horta e já fazemos 2 festas anuais: São João e Natal".

Entre as 130 crianças atendidas, 30 são do bairro e passam na creche o período entre 7 e 19 horas. As outras 100, que convivem do mesmo sistema de atendimento das primeiras, são internas saindo apenas aos sábados à noite (voltam 2.ª feira pela manhã). Todas são levadas ao Lar pela Pro-Menor ou pela Cruzada Pró-Infância.

Depois dos 7 anos, são devolvidas às famílias que as podem então manter (no caso de mães que trabalhem e não possam cuidar de crianças muito pequenas). No caso de mães solteiras ou quando a família não pode receber de volta a criança, ela é transferida para entidades que encaminham para o estudo.

"Todos os dias nos encontramos diante de problemas graves. Quem se queixa das coisas pequenas da vida deveria passar uma hora pensando no que há de realmente grave na vida de crianças que são forçadas a ver a vida sob um prisma nada encorajador, diz dona Rosa. A mãe de uma delas, por exemplo, solteira, está passando mal no hospital, a mãe de outra não quer viver com o marido, o pai de outra desapareceu, deixando a família em completo abandono. São essas lutas que nos dão forças para não desistir. Há tanto o que fazer pelas crianças nesses poucos 3 anos que ficam conosco, que todo tempo é precioso".

Mario Altenfelder, secretário da Promoção Social: "de pouco adianta tirar uma criança abandonada da rua, se não se sabe o que fazer dela".

No entanto, as crianças quando estão na creche parecem não sentir a dura problemática que as envolve. Felizes, elas brincam, aprendem, cantam, comem, dormem tranquilamente. Foi difícil acordar a menorzinha — vai fazer 3 anos — depois da sesta. De chupeta, ela foi se deitar na caminha da irmã mais velha, mas quando percebeu que todas as crianças ao seu redor estavam colocando os sapatos para ir para o pátio brincar, não pensou em dormir, ainda mais que depois das brincadeiras iria comer um gostoso bolo de fubá e refresco.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO
Data 11-17 / 10 / 1975
Pág.

Pasta n.°
N.° do recorte 0095

UMA CRIANÇA, UM SIMBOLO

Uma criança sadia, bem cuidada e bem orientada e sobretudo amada, revela em seus olhos brilhantes e sua expressão de paz e de alegria, toda a sorte do nosso Brasil de amanhã.

Um garoto como este — símbolo da nossa grande a futura — significa a esperança, o amor, a paz.

Neste país imenso existem muitos garotos assim. Contudo, existem também aqueles que estão necessitando de tudo para serem felizes e para os quais não devem faltar as nossas atenções. Festejando o Dia da Criança, lembramos as palavras de uma conhecida educadora, Dorothy Law Nolte, que bem servem para meditarmos sobre a importância das nossas relações com a Criança:

— "Se uma criança vive com criticas — ela aprende a condenar.

Se uma criança vive com hostilidade — ela aprende agredir.

Se uma criança vive com ridículo — ela aprende a ser insegura.

Se uma criança vive com humilhação — ela aprende a se sentir culpada.

Se uma criança vive com tolerância — ela aprende ser paciente.

Se uma criança vive com encorajamento — ela aprende a ser confiante.

Se uma criança vive com elogio — ela aprende a apreciar.

Se uma criança vive com honestidade — ela aprende a ser justa.

Se uma criança vive com segurança — ela aprende ter confiança.

Se uma criança vive com aprovação — ela aprende gostar de si mesma.

Se uma criança vive com aceitação e amizade — ela aprende a encontrar amor no mundo.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SAO PAULO
Data 18-24/10/1975
Pág. 3
Pasta n.º
N.º do recorte 0096

Notas e Comentários

DIAGNÓSTICO DA MULHER PAULISTA

Está em plena realização, na Câmara Municipal de São Paulo, uma Semana patrocinada pelo Centro de Informações das Nações Unidas — UNIC — e pela Cúria Metropolitana de São Paulo. O objetivo é um estudo mais aprofundado sobre a situação feminina em nossa terra com a finalidade de fazer um Diagnóstico da Mulher Paulista. Isto significa que há interesse em saber qual o pensamento feminino sobre diversos assuntos, qual o comportamento da mulher, quais as maiores necessidades sentidas e o que, objetivamente, se deve propor para a mulher reivindicar seus direitos na sociedade, notadamente a sua participação na vida da comunidade.

Trata-se de um belo programa e oxalá se chegue a resultados positivos. O mundo está comemorando o Ano Internacional da Mulher e os temas em desenvolvimento são os seguintes: O Ano Internacional da Mulher, A Mulher e a Saúde, A Mulher e a Educação, a Mulher e o Direito, A Mulher e sua participação na Sociedade, a Mulher e o Trabalho.

Todos os assuntos são importantes e o desejo de saber como as mulheres de São Paulo os estão enfocando será a base para o Diagnóstico desejado. Com os resultados obtidos e pela Carta-proposta que o Seminário vai apresentar no final do Encontro, dia 20, haverá base para um trabalho sério em favor da mulher.

Espera-se que as mulheres de São Paulo, no seu conjunto, não venham a tirar conclusões que as afastem dos propósitos cristãos de vida. A esse respeito lembramos o Manifesto das mulheres francesas, do Mouvement de Liberation des Femmes, em maio próximo passado, recomendando greve total no campo profissional, no plano doméstico e até em sua vida mais íntima com o fim de obter suas reivindicações. O Manifesto dizia textualmente: "Queremos concretizar o nosso sonho. Não o sonho dos homens. Queremos mudar o velho mundo. Queremos nos comunicar por meio de nossas personalidades e não por meio de receitas culinárias. Queremos nos libertar de nossas casas-prisões".

Neste parágrafo do Manifesto há um sentido que foge ao espírito cristão. O desejo de igualdade plena é absolutamente impossível. Deus distinguiu bem, na sua criação, o homem da mulher, tanto biológica como psicologicamente. A leitura do Manifesto do MLF da França torna evidente que sua inspiração não é cristã, conquanto muitos de seus postulados estejam perfeitamente integrados no espírito do Evangelho. Eis, por exemplo o que ele diz a propósito da mulher-objeto:

— "Denunciamos a fixação pelo sexo, drogas, violações. Denunciamos a utilização do corpo da mulher na publicidade. Não desejamos mais ser colocadas em cartazes, vendidas, violadas...".

Desse espírito sadio o Manifesto descamba para uma linha paga quando fala que a mulher só se igualará ao homem quando [illegible] relação à preservação da dignidade humana e da própria liberdade procurada.

A Semana que se realiza em São Paulo sob o patrocínio do Centro de Informações das Nações Unidas e da Cúria Metropolitana vai se desenvolvendo em nível bastante alto. Os oradores têm encaminhado os temas para uma maior reflexão do auditório, o que se verifica pelos debates finais com a livre participação dos presentes que encaminham suas perguntas à mesa. Na primeira noite, de debates, coube a abertura à Irmã Maria Stella Sanchez Coelho da Comissão de Pastoral da Arquidiocese. Ela apresentou o pensamento da Igreja sobre o Ano Internacional da Mulher, conforme o dossier apresentado pela Comissão Pontifícia de Estudos sobre a Mulher na Igreja e na Sociedade.

Ressaltou-se a feliz coincidência do Ano Santo e Ano Internacional da Mulher, um verdadeiro "sinal dos tempos":

O Ano Santo quer ser o ano da RENOVAÇÃO e da RECONCILIAÇÃO, daí esforços a serem feitos para

- **renovar** toda a concepção que se tem da pessoa e da missão da mulher na Igreja e na Sociedade;
- **reconciliar**, no respeito mútuo, homens e mulheres de todos os setores e coexistências para que se instaurem **novas relações** inspiradas na verdade, na justiça, no amor e na paz.

Passou, depois, Irmã Maria Stella a tratar da contribuição que podemos dar ao Ano Internacional da Mulher dentro de três aspectos:

- um discernimento dos "sinais dos tempos": reconhecer nos múltiplos fenômenos que levam a mulher a uma participação cada vez mais efetiva

Finalizando suas palavras, Irmã M. Stella ressaltou a figura de MARIA de Nazaré "tipo eminente da condição feminina como modelo excelente de vida evangélica. Comentando a Exortação Apostólica sobre o Culto da Virgem Maria, apresentou-a como a mulher forte, ativa e responsável e que "longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante foi a mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo...".

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: SÃO PAULO
Data 25-31/10/1975
Pág.

Pasta n.º
N.º do recorte 0097

A Palavra do Papa

O PAPEL DA MULHER HUMANIZAR: A SOCIEDADE E SALVAGUARDAR OS DIREITOS IMPRESCRITÍVEIS DA PESSOA

Por ocasião do Ano Internacional da Mulher multiplicaram-se as iniciativas e os congressos. A celebração do Ano Santo fez com que Roma fosse escolhida para sede de muitas destas reuniões, por isso tornou-se obrigatória para muitos a visita ao Santo Padre. Ele aproveitou para dar sempre uma mensagem cristã e humana a fim de que as mulheres, promovendo a si mesmas, conseguissem dar uma contribuição eficaz para a paz e a humanização da sociedade.

No discurso de canonização da primeira santa dos Estados Unidos da América, Isabel Ana Bayley Seton, Paulo VI assim se expressou: "Ao proclamarmos a suprema exaltação de uma mulher nos apraz realçar a feliz coincidência deste acontecimento com a iniciativa das Nações Unidas: o Ano Internacional da Mulher. Santa Isabel Ana Bayley Seton se distingue de modo particular pela sua completa feminilidade: ela foi mãe de família e ao mesmo tempo fundadora da primeira congregação religiosa feminina nos Estados Unidos. A celebração do Ano Internacional da Mulher se propõe a fomentar a consciência do dever que sobre todos incumbe de reconhecer a verdadeira função da mulher no mundo e de contribuir para a sua autêntica promoção na sociedade.

Alegramo-nos pois pelo vínculo que se estabeleceu entre aquele programa e a hodierna celebração em que a Igreja presta a maior honra possível a Santa Isabel Ana e ehalte-ce a pessoal e extraordinária contribuição por ela dada como mulher: como esposa, como mãe, como viúva e como religiosa. Oxalá que o dinamismo e autenticidade da sua vida sejam para os nossos dias e para as gerações vindouras um exemplo daquilo que as mulheres podem e devem realizar no desempenho da sua função, para o bem da humanidade".

Noutra ocasião, Paulo VI fez deste modo o elogio da santa: Comprazemo-nos em apresentar ao mundo que celebra este ano o Ano da Mulher a figura de Santa Isabel Seton, singularíssima pela sensibilidade religiosa, distintíssima pelas suas virtudes pessoais, silenciosa e intrépida promotora de próvidas obras sociais e, por isso, exemplo, estímulo e protetorá da Mulher moderna".

Às duzentas representantes de todas as mulheres européias na XI assembléia geral da União Européia Feminina, o Papa pediu que se empenhassem em defender os direitos imprescritíveis da pessoa humana. "A vossa presente assembléia ter-vos-á revelado que havia ainda muito a fazer para valorizar em toda a parte a dignidade e a missão da mulher. Este problema é real e o Ano Internacional da Mulher não basta para o resolver. Apesar de tudo crede que vós fazeis avançar a história. Nós vos exortamos a continuar no caminho encetado, com realismo e paciência, mas também com a fé e a caridade dos discípulos de Cristo.

"Nós não hesitamos em convidar a vós e, por vosso intermédio, a todas as mulheres que vós representais, a comprometer-vos mais do que nunca a salvaguardar os direitos imprescritíveis da pessoa humana, desde a sua concepção até o último suspiro. Deste modo, contribuireis para humanizar mais a nossa sociedade dominada pela técnica. Trata-se de uma profunda necessidade, cuja urgência se faz sentir cada vez mais vivamente".

Nos últimos dias Paulo VI falou também a um grupo de 1.100 participantes do III Congresso Mundial do International College Psycomatic Medicine, que se realizava em Roma, na Faculdade de Medicina da Universidade Católica. A todos estes, senhores e senhoras, o Papa pediu o respeito da vida humana e uma ajuda da medicina a terminá-la com dignidade. "No que se refere ao valor de cada pessoa humana, nós desejaríamos lembrar-vos que compete ao médico estar sempre a serviço da vida e assisti-la até o fim, sem aceitar nunca a eutanásia, nem renunciar ao dever, profundamente humano, de ajudar a vida a terminar com dignidade o seu curso terrestre. Os analgésicos podem ser usados com prudência e competência, mas não podem empregar-se licitamente para diminuir a responsabilidade pessoal ou para fazer renunciar aos deveres próprios da pessoa humana.

"Enfim, minhas senhoras e meus sehores, nas vossas relações vós notais que a ansiedade é um fator comum a todas as perturbações psicossomáticas e a todas as doenças. Ela provém de situações psicossociais; muitas vezes vêm também de misterioso fator de insegurança e de dúvida que cada um leva escondido dentro de si. Que a vossa vontade metodológica de considerar o homem na sua totalidade não deixe de lado a possibilidade de investigar se a fé em Deus não poderia dar uma resposta à ansiedade humana. A certeza de que um Pai nos ama e de que para a nossa vida existe uma esperança é já uma indicação e uma resposta".

0098

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: A LUTA PELO DIREITO Pasta n.º
Data 23/11/75 N.º do recorte
Pág. –

RELAÇÃO DAS SOCIEDADES AMIGOS DE BAIRROS DE SANTO AMARO

1 - Sociedade Amigos da Chácara Santo Antonio
2 - Sociedade Amigos do Jardim Miriam
3 - Sociedade Amigos do Bairro do Campo Limpo
4 - União dos Moradores da Vila Constância e Região do Zavuvus
5 - União dos Moradores de Vila Joaniza
6 - Associação Pró Melhoramentos de Vila Prel
7 - Sociedade Amigos do Parque Fernanda
8 - Sociedade Amigos Capela do Socorro
9 - Sociedade Amigos Unidos de Vila Joaniza
10 - Sociedade Amigos da Estrada da Pedreira
11 - Sociedade Amigos Vilas Vizinhas Km 21
12 - Sociedade Amigos da Região de Praia do Sol
13 - Sociedade Amigos de Vila Marari
14 - Sociedade Amigos do Jardim São Jorge
15 - Sociedade Assistencial e Reivindicatória de Capão Redondo
16 - União de Amigos para Promoção da Cidade Ademar
17 - Sociedade Amigos do Jardim Santa Margarida
18 - Associação Amigos do Bairro de Vila Constância
19 - Sociedade Amigos Assistencial Jardim Esmeralda-Rio Bonito
20 - União Brasileira de Beneficiência do Jardim Oliveira
21 - Sociedade Amigos do Jardim Niteroi
22 - Sociedade Amigos do Jardim Vas de Lima
23 - Sociedade Amigos Unidos de Vila Guacuri
24 - Sociedade Amigos Obreiros do Parque Grajaú
25 - Sociedade Amigos do Jardim Lidia
26 - Sociedade Amigos do Jardim Santo Antonio
27 - Sociedade Amigos do Jardim Novo Santo Amaro Sª Josefina e Vila Leo
28 - Sociedade Amigos do Parque Iracema e Maria Sampaio
29 - Sociedade Amigos do Guacuri
30 - Sociedade Amigos do Parque Guarapiranga
31 - Sociedade Amigos da Chácara Santana e M. Boimirim
32 - Sociedade dos Moradores do Jardim Hípico
33 - Sociedade Amigos Jardim Monte Azul
34 - Sociedade Amigos do Bairro de São José
35 - União e Progresso do Parque Araribá e Adjacencias
36 - Sociedade Amigos do Jardim Palmares
37 - Sociedade Amigos de Vila Jacinto Paes e Adjacencias
38 - Sociedade Amigos Interlagos
39 - Sociedade Amigos do Brooklin Novo
40 - Sociedade Amigos do Parque Ipê e Adjacencias
41 - Sociedade Amigos de Vila Friburgo
42 - Sociedade Unidos Primavera
43 - Sociedade Amigos V. São Pedro, Jardim Ernestina, Campinas e Interlagos
44 - Sociedade Amigos dos Jardins Ipanema, Suzana e Região
45 - Sociedade Amigos Jardim Vergueiro, Parque Alves de Lima e Sª Josefina
46 - Associação Amigos do Bairro do Jardim Campo de Fora
47 - Sociedade Amigos do Jardim Nakamura
48 - Sociedade Amigos do Jardim Catanduva
49 - Sociedade Amigos de Parelheiros
50 - Sociedade Amigos de Vila Isa
51 - Sociedade Amigos dos Jardins Lagos e Novo Guarapiranga
52 - Sociedade Amigos do Jardim Vila Rica, Zaira e Vila Imperio
53 - Sociedade Amigos do Parque Figueira Grande Alta
54 - Sociedade Amigos do Bairro de Vila das Belezas
55 - Sociedade Amigos do Jardim Kioto e Pouso Alegre
56 - Sociedade Amigos do Jardim Ibirapuera
57 - Sociedade Amigos das Vilas Mandu, Cruzeiro e Caravelas
58 - Sociedade Amigos do Jardim IV Centenário
59 - Sociedade Amigos do Jardim Vera Lucia
60 - Sociedade Amigos do Jardim Brasília
61 - Sociedade Amigos do Rio Bonito
62 - Sociedade Amigos de Piraporinha
63 - Sociedade Amigos de Vila Sabará
64 - Sociedade Amigos Unidos de Vila Remo
65 - Sociedade União dos Moradores do Jardim São Luiz
66 - Sociedade Amigos Estrada dos Mirandas
67 - Sociedade Amigos do Parque Figueira Grande
68 - Sociedade Amigos do Valo Velho
69 - Sociedade Amigos do Jardim São Rafael
70 - Sociedade Amigos do Jardim Casa Blanca
71 - Sociedade Amigos do Jardim Pedreira
72 - Sociedade Amigos do Jardim Prudência
73 - Sociedade Amigos de Vila Guacuri
74 - Sociedade Amigos do Jardim Morro Verde
75 - Sociedade Amigos do Jardim Consorcio
76 - Sociedade Amigos de Vila Santa Catarina
77 - Sociedade Amigos de Vila Ruth
78 - Sociedade Amigos do Jardim Iporanga
79 - Sociedade Amigos do Jardim das Palmas
80 - Sociedade Amigos de Vila Filomena
81 - Sociedade Amigos de Campo Grande
82 - Sociedade Amigos do Jardim Lilah
83 - Sociedade Amigos da Pedreira
84 - Sociedade Amigos do Jardim Pouso Alegre
85 - Sociedade Amigos da Vila Arriete
86 - Sociedade Unidos do Jardim Malia
87 - Sociedade Amigos de Vila da Paz
88 - Sociedade Amigos de Umarizal
89 - Sociedade Amigos do Jardim Selma e Itapura
90 - Sociedade Amigos Benef. dos Operarios do Municipio de Taboão da Serra
91 - Sociedade Amigos do Bairro do Jardim União Boa Esperança
92 - Sociedade Amigos do Bairro do Jardim Souza
93 - Sociedade Amigos do Jardim Guanhembu e Adjacencias
94 - Sociedade Amigos do Parque Iracema e Jardim Clementino
95 - Sociedade Amigos do Jardim Ana Lucia
96 - Sociedade Amigos do Jardim Roberto e Adjacencias
97 - Sociedade Amigos do Jardim da Saúde
98 - Sociedade Amigos de Veleiros
99 - Sociedade Amigos da Riviera Paulista
100 - Sociedade Amigos do Parque 7 de Setembro - Diadema
101 - Sociedade Amigos do Real Parque
102 - Sociedade Amigos de Vila Missionária
103 - Sociedade Comunitária de Campo Limpo
104 - Sociedade Amigos do Parque Pirajussara - Embu
105 - Sociedade Amigos do Jardim Ubirajara
106 - Sociedade Amigos do Parque Regina
107 - Sociedade Amigos do Jardim das Rosas
108 - Sociedade Amigos do Paraizopolis
109 - Sociedade Amigos do Jardim Leblon
110 - Sociedade de Amigos da Cidade Dutra
111 - Sociedade Amigos do Jardim Santa Emilia - Embu
112 - Sociedade Amigos do Barro Branco
113 - Sociedade Amigos do Jardim Celeste
114 - União de Jardins de Capão Redondo
115 - União de Amigos Vila Santa Catarina
116 - Sociedade Amigos do Jardim Santa Cruz
117 - Sociedade Amigos do Jardim Maracá
118 - Sociedade Amigos do Jardim Satélite
119 - Sociedade Amigos do Jardim Ingá
120 - Sociedade Amigos do Jardim Irene
121 - Sociedade Amigos do Jardim Três Corações
122 - Encontro Sernanejo do Taboão da Serra
123 - Sociedade Amigos do Jardim Campinas
124 - Sociedade Amigos Jardim Sonia
125 - Sociedade Amigos do Jardim Rosa Maria
126 - Sociedade Amigos do Jardim Tamoio
127 - Sociedade Amigos do Jardim Patrimonial
128 - Sociedade Amigos do Parque Novo Santo Amaro
129 - Sociedade Amigos do Jardim Santa Cecília
130 - Sociedade Amigos do Bairro Parque São Paulo
131 - Sociedade Amigos do Jardim Jacira
132 - Clube dos Lojistas de Campo Limpo
133 - Sociedade Amigos do Jardim Mitsutani
134 - Sociedade Amigos do Crispin
135 - Sociedade Amigos do Parque Independência
136 - Sociedade Amigos do Jardim Cris
137 - Sociedade Amigos do Jardim São Francisco de Assis
138 - Sociedade Amigos da Capela e Adjacências
139 - Sociedade Amigos do Jardim São Bento
140 - Sociedade Amigos dos Alamos
141 - Sociedade Amigos Unidos da Chácara S. Judas, V.Caiçara, J.S. Manuel e P.Cr
142 - Sociedade Amigos do Jardim S. Bernardo
143 - Sociedade Amigos de Vila Ingleza
145 - Sociedade Esportiva Ipasure

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: O SÃO PAULO
Data 29.05 / 12 / 1975
Pág.

Pasta n.°
N.° do recorte 0099

Igreja e a Campanha Salarial

A MULHER

Neste ano de 1975, muitos artigos foram publicados em jornais e revistas, discutindo a situação da mulher. Isso aconteceu principalmente porque a ONU escolheu este ano para comemorar o "Ano Internacional da Mulher". Há algum tempo esse assunto vinha sendo debatido graças à ação dos chamados "movimentos feministas" que encontram certa aceitação principalmente nos países desenvolvidos ou, entre nós, nas faixas mais intelectualizadas e bem remuneradas da população. Mas pouquissimos jornais, revistas ou feministas se preocupam com a situação daquelas que nem são intelectualizadas e são mal remuneradas. Estas constituem a grande maioria da população feminina brasileira, trabalhando nas fabricas, nas roças, etc.

SITUAÇÃO DA MULHER

A Igreja luta pela libertação do Ser Humano. Nessa luta, a situação da mulher adquire um significado muito grande: representando cerca de 30% do total dos trabalhadores industriais brasileiros, a presença da mulher, nas fábricas, torna-se cada vez mais importante.

E qual é esta situação? Frequentemente colocada em funções mal remuneradas, que exigem muita atenção ou que não apresentam grandes possibilidades de melhoria, a mulher, na verdade, tem de trabalhar para "ajudar o marido a manter a casa". Ganha sempre menos que o homem, embora muitas vezes desempenhe as mesmas funções. Além disso, enfrenta toda a espécie de obstáculos: se é casada, terá maiores dificuldades de arrumar emprego por causa de uma possível gravidez; se tem filhos, o problema de onde deixá-los para ir trabalhar muitas vezes a impedirá de arrumar um serviço; a falta de especialização — a maioria dos cursos profissionais não aceita mulheres entre seus alunos — fará dela uma mão de obra barata e abundante, que concorrerá com o homem no mercado de trabalho.

No lar, a situação não é melhor. Quando solteira, terá, além dos encargos fora de casa, que ajudar a mãe nas tarefas domésticas.

Ao pai, caberá a maior parte das decisões importantes que ela poderia tomar. Quando se casa, essa tutela passa ao marido, que resolverá se ela pode ou não trabalhar e quais os limites de sua liberdade pessoal (escolha de amigos, trabalho, divertimento, educação dos filhos, etc). Se trabalhar fora, acumulará também os trabalhos domésticos e o duro encargo de equilibrar o magro orçamento do lar.

Sua única participação politica se restringe à época das eleições, quando vota, na maioria das vezes, no candidato escolhido pelo marido ou pelo pai. Mal informada, anestesiada pelas ilusões vendidas nas revistas de fotonovelas, programas de televisão e rádio, ela se mantem — mais do que o homem — à margem do que acontece no Brasil e no resto do mundo. Normalmente, mesmo trabalhando, não é sindicalizada e não faz parte também, na maioria das vezes, de nenhum outro grupo comunitário, isolando-se dentro do ambiente doméstico.

ALGUMAS CONQUISTAS

Apesar do quadro ser tão negro, algumas conquistas foram alcançadas. Desde 1943 a Consolidação das Leis do Trabalho garante à mulher alguns direitos:

1 — Ela não pode fazer determinados trabalhos que exijam demais de sua força física ou de sua condição de futura mãe, como, por exemplo, trabalhar em minas, na construção civil, em túneis, em serviços pesados e, em certos casos, em horários noturnos.

2 — A gravidez lhe garante um período de licença de 90 dias: 30 antes do parto e 60 dias depois.

3 — Não pode haver discriminação de sexo no trabalho.

4 — A mesma função deve corresponder igual remuneração, estejam nessa função homens ou mulheres.

5 — Qualquer indústria com mais de 100 operários é obrigada a manter uma creche para os filhos de suas funcionárias.

Apesar da lei estabelecer uma série de garantias à mulher, nem sempre elas são cumpridas. A licença para o parto, por exemplo, é evitada muitas vezes, porque as empresas dão preferencia a mulher solteira em relação à casada (muitas trabalhadoras casadas, inclusive, são obrigadas a usar a carteira profissional com nome e estado civil de solteiras para serem contratadas). Empregos que são proibidos a mulher para garantir sua integridade física são muitas vezes preenchidos por elas, como aconteceu com o setor de construção civil em Brasília no ano passado, quando faltava a mão de obra masculina. Não há creches nas fábricas. Quase sempre o homem ganha mais pelo mesmo trabalho, conseguindo os empregadores contornar a lei, dando nomes diferentes para as mesmas funções.

O QUE HÁ PARA SER CONQUISTADO

Quase tudo está para ser conquistado. Em primeiro lugar, a própria lei que protege a mulher precisa ser cumprida. Para que ela deixe de ser mal-remunerada e não concorra com o homem fazendo baixar os salários, seria necessário que as indústrias fossem obrigadas, por lei, a contratar uma certa porcentagem de mulheres. São também indispensáveis cursos de especialização que garantam às mulheres possibilidade de terem uma profissão e creches onde possam deixar os filhos sem preocupação.

Alguns sinais de despertar já surgem: nos sindicatos já algumas mulheres começam a participar embora em número ainda pequeno. Nas fábricas temos alguns exemplos de reação da mulher, como no caso de uma fábrica de Santo Amaro, onde as mulheres se recusaram a entrar para o serviço por causa da revista de suas bolsas. Em outra indústria as mulheres pararam a produção reivindicando maiores salários; na Bahia e no norte do país mulheres paralisaram fábricas (Jornal "Estado de São Paulo"). Nos bairros surgem os movimentos de mães que lutam por melhorias do bairro, etc.

Essa luta, no entanto, não é só da mulher, mas dos trabalhadores em seu conjunto.

Na verdade, o homem tem alguns privilégios, em relação à mulher, mas para ele também as condições de trabalho e remuneração são precárias. Não se trata, portanto, de existir um movimento feminista, mas sim uma união entre homens e mulheres trabalhadores para tentar resolver seus problemas mais vitais.

Só assim a mulher estará no caminho de sua libertação pois esta depende da libertação de toda a sociedade.

PASTORAL OPERÁRIA

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: Folha S. Paulo
Data 02/12/85
Pág. —

Pasta n.º
N.º do recorte

Criança

Reinaugurada a creche do Jabaquara

Foi reinaugurada esta semana a creche do Jabaquara, mantida pela ASA, Associação Santo Agostinho, que começou a funcionar em 1968, quando atendia 50 crianças. Agora, a creche recebe diariamente 150 crianças de 0 a 4 anos de idade, em regime de semi-internato. A creche é mantida pela Casa, e tem suplementação de verbas através de convênios com os governos do Estado e da Prefeitura, além de ser beneficiada com isenção dos custos de energia elétrica e de telefone.

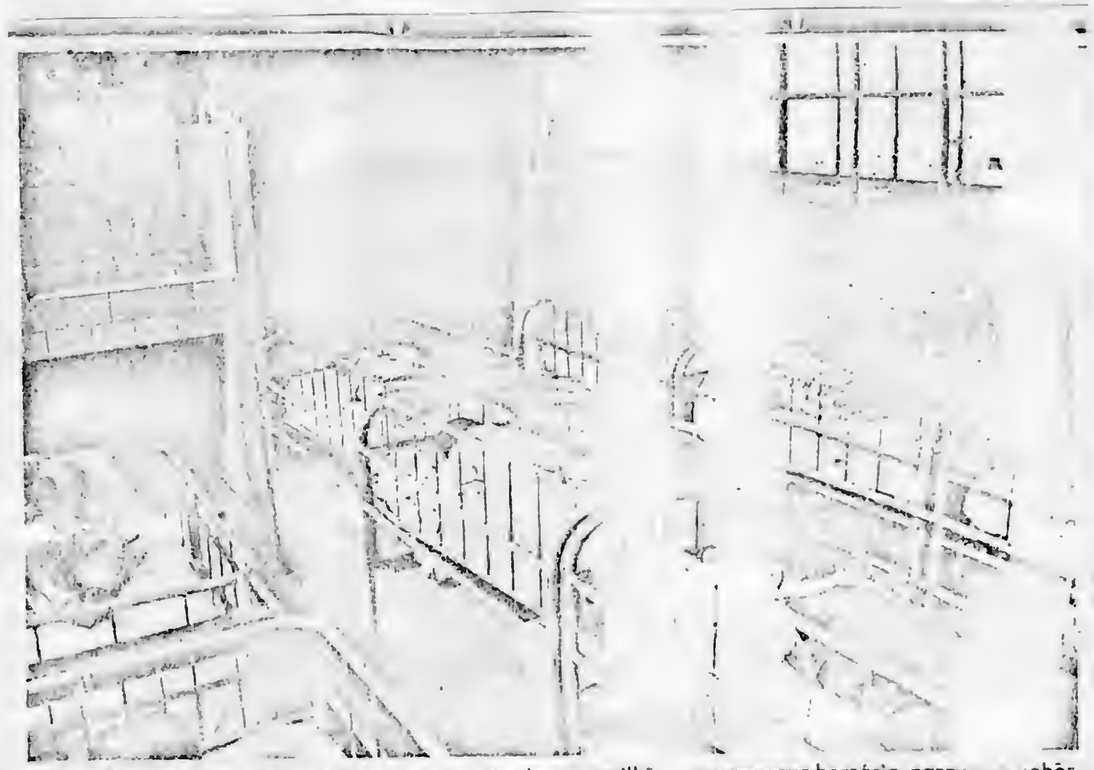
No entanto, a sede do prédio estava, nos últimos tempos, bastante necessitada de reformas, para que continuasse a poder prestar seus serviços às crianças. Por isso, as voluntárias da Casa se movimentaram, nos últimos meses, junto a empresas comerciais (que também se comprometem em financiar parte das atividades da creche) e angariando donativos para recolher fundos destinados a arcar com as despesas de pintura geral, reforma de berços, "quadrados", portas de armários, pisos, etc. Houve também condições de reformar o uniforme das crianças que, segundo a administradora da creche, sra. Maria A. Sampaio Faria, é agora "de cor mais alegre, combinando até com a nova feição do prédio".

A CRECHE

A creche funciona com pessoal estritamente necessário: 11 pagens, 2 cozinheiras, 1 funcionária de lavanderia, 2 de limpeza, 1 atendente de enfermagem (que pela manhã, faz triagem entre as crianças que serão atendidas, para providenciar, em caso de doença ou indisposição, o tratamento necessário ou seu isolamento das demais crianças, para evitar contágio, além de permanecer de plantão no caso de indisposição súbita ou acidentes), 2 professoras que cuidam da parte psico pedagógica, promovendo também recreação especializada diária. Uma assistente social entrevista as mães das crianças interessadas na creche, faz as matrículas e procura dar assistência às famílias dos atendidos. Na parte administrativa, trabalham uma diretora, uma administradora e

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: FSP
Data 23/12/75
Pág. —
Pasta n.°
N.° do recorte 0101



Nessa época, a maior preocupação é a construção de um pavilhão para um novo berçário, para os bebês do creche.

Em cada seção da Creche Catarina Labouré um presépio.

Buscar uma criança não, escolhê-la

FSP 23/12/75

Nessa época do ano, em que os presentes e pratos cuidadosamente preparados constituem preocupaão das pessoas, um pensamento e mesmo ação de solidariedade não devem ser esquecidos. Muita gente pensa quando o Natal está chegando nos menos favorecidos, principalmente has crianças, que onde quer que se encontrem, pensam em brinquedos. A televisão mostra as últimas novidades e faz sonhar até os pequenos que não têm pai para se transformar nesses dias alegres em Papai Noel. Mas lembrar apenas das crianças de creches e orfanatos não é suficiente, com um pouco de boa vontade, um presente a mais, na lista de objetos bonitos e brinquedos diferentes, não fará diferença no orçamento de fim de ano.

Todas as creches de São Paulo organizam festinhas de Natal para as crianças. Muitas pessoas, que costumam contribuir para a manutenção das crianças, aproveitam esse tempo para enviar brinquedos, roupas, mantimentos. "Tudo é bem aceito", dizem as diretoras das entidades assistenciais o que facilita ainda mais o pequeno trabalho de quem está disposto a ajudar.

NA CATARINA LABOURÉ

A Creche Catarina Labouré, na rua Conselheiro Barata, 2028, no Ipiranga, fica quase que vazia no dia de Natal. A maioria das crianças da entidade, cerca de 300, passa esse dia com famílias conhecidas. Que todos os anos se incumbem de ir buscá-las cedinho e entregá-las à noite. As crianças de 5 a 9 anos ou passam o Natal com essas famílias ou com as mães, se preferirem. Somente os menorzinhos ficam na creche, recebendo os presentes doados. As famílias que sejam ter uma ou duas crianças em sua casa nesse dia se inscrevem na entidade e geralmente quando voltam para apanhá-las levam roupas, sapatinhos, mantimentos, brinquedos.

Segundo Irmã Lúcia, os que querem uma criança jamais devem escolhê-la: "O cristão, sim, que, nessa época do nascimento de Jesus, quer fazer o bem, levando para o seu lar uma das nossas crianças, nunca deve procurar pela sua cor ou beleza. O ato humano, por melhor que seja a intenção, perde valor porque muitas pessoas querem escolher uma criança, de cabelos loiros".

A maior prreocupação nesse fim de ano é a construção de um pavilhão para um novo berçário, que dará mais conforto para os 55 bebês da creche. "Poderíamos ligar essa campanha ao espírito de Natal, favorecendo os que contribuem conosco. Do Humanitarismo ao Imposto de Renda, como resolvemos denominar essa campanha, trará benefícios aos que colaboraremm, pois terão abatidas do imposto de renda as quantias de doação".

A PREPARAÇÃO

Na creche Catarina Labouré, entidade fundada em 1931 pela Associação de São Vicente de Paulo, não pode ser esquecido. Durante todo o mês as irmãs de cada preparam um presépio e explicam a beleza dessa época, do nascimento de Jesus. Todas as crianças particippam dessa preparação, que culmina com uma missa às 22 horas ao lado de famílias da redondeza, excetos bebês, e vão entendendo o sentido de muitas coisas para eles inexplicáveis. Os presentes, por exemplo, são interpretados como um dos elementos de alegria e sempre são colocados em segundo plano. "O excesso em tudo que se refere ao Natal, diz Irmã Lúcia, da mesa à árvore apinhada de presentes, faz com que muitas pessoas se esqueçam de seus irmãos. Essa época é valida também para se pensar um pouco nos menos favorecidos, nos que têm somente a nós e terão que trilhar sozinhos suas vidas".

Tudo será bem recebido na creche: roupas, sapatos, mantimentos, doces, balas, remédios, toalhas de banho, roupas de cama, dinheiro. Nessa época basta se deixar levar pelo verdadeiro espírito de confraternização do Natal, e a boa vontade fará, certamente, o restante.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: FSP
Data 23/12/1975
Pág. —
Pasta n.º
N.º do recorte 0101.1

amatização para ender o Natal

5 crianças do Lar Bibi o, avenida Nova Can-, 5582, Tremembé, filiada à Cruzada Pró de Natal. Foi no dia 19 e "só não foi tão grande como nos anos anteriores, diz dona Rosa Maria Marão, orientadora da

iriam dias depois ter outra festa no Palácio do Governo". Essa festinha de fim de ano que serviu também para a entrega dos diplomas de pré-primário com cineminha e mesa de doces conservou o seu espírito: a confraternização entre as crianças do bairro, suas famílias e todos os que colaboram com a creche. No entanto a festa do Lar Bibi Monteiro foi bem animada. A dramatização do Natal, feita pelas próprias crianças, diante do presépio, faz parte da preparação do nascimento do Menino Jesus.

Através de uma novena, boa parte do bairro se une nessa preparação e a imagem de Jesus percorre as casas de diversas famílias. Em cada encontro uma festinha: depois das orações, um cafezinho serve para fortalecer a amizade entre dona Rosa e os amigos de todos os anos. durante o ano costuma colaborar com a entidade. A novena é encerrada na p creche, mas a última receber a imagemm do Menino Jesus fica com ela até o ano que vem.

"Tentamos não deixar morrer essa tradição tão bonita e universal, diz dona Rosa. os brinquedos que recebemos da Cruzada são mais uma manifestação de alegria, um clima de festa". No entanto, dona Rosa, apesar de ficar feliz com presentes, roupas, mantimentos que chegam à creche nessa época, faz questão que as pessoas conheçam a entidade para então colaborar. Além do Natal, o Lar Bibi Monteiro organiza campanhas como a última, das toalhas de banho, de papel, tubos de pasta de dente. Esses movimentos assistenciais são coordenados pelas voluntárias da Cruzada Pró-Infância, que, principalmente nessa época trabalham arduamente para que as crianças da creche, mantidas em regime semi-internato, que passam de semana em casa, em família, tenham e sintam um clima alegre e colorido.

No Dia de Natal, o Lar fica vazio. Todas as crianças saem para ficar em companhia de seus pais até o dia 6 de janeiro. As crianças, cujas famílias muito pobres realmente não têm condições de ficar com elas, mesmo que por poucos dias, vão para entidades ligadas à Cruzada e, quantos retornando como as reis no Dia de Reis. Segundo Lídia Carrano, diretora da entidade, "essa é uma forma de fazer com que elas se acostumem numa viagem e que, de modo algum, se sintam esquecidas ou abandonadas".

As 135 crianças do Lar Bibi Monteiro, filiado à Cruzada Pró-Infância, já tiveram sua festa de Natal, com entrega de diplomas de pré-primário, cineminha e mesa de doces.

Um beijo muito carinhoso e especial, além da entrega do diploma, o

Muitas opções para um Natal mais feliz

O dia 24 de dezembro, foi escolhido como o Dia Nacional do Órfão. Data bem escolhida, uma vez que o principal espírito do Natal é o da solidariedade, a confraternização entre os seres humanos. Entre presentes, pratos saborosos e festas, vale a pena lembrar que muitas crianças e velhinhos sem esperar a visita do Papi Noel.

Enquanto os anúncios comerciais mostram as últimas novidades, principalmente brinquedos, enquanto as lojas expõem em suas enfeitadas vitrinas seus últimos lançamentos, é hora de para um pouco e lançar um pensamento para os menos favorecidos, que sabem que é Natal, pois o clima de festa está em tudo: na tv, no corre-corre das ruas, nas conversas de todos.

É Natal. Um pensamento de bondade e vontade de ajudar nessa época do ano vale muito mais que o desembrulhar de um presente caro, que já se esperava. Há muitas maneiras de ajudar e todas elas não são difíceis. Aqui, Nova Mulher dá uma lista de creches, orfanatos que podem estar precisando de brinquedos, cobertores, roupas de cama e banho, mantimentos, donativos, doces, balas. Não será certamente uma perda de tempo, nem de dinheiro, parar um minuto e levar uma lembrança nesses endereços.

Vale a pena lembrar que quem faz a felicidade de alguém, viverá muito mais suas próprias alegrias.

Estas são algumas creches que mantêm contratos e convênios com o Estado e a Prefeitura:

Ação Comunitária Penhense (rua Ismael Dias 297)
Creche Nossa Senhora da Anunciação (rua Cons. Olegário 54)
Creche Nossa Senhora Aparecida (rua João [illegible]
Creche Nossa Senhora dos Remédios (praça da Matriz 3, Osasco)
Dispensário Medalha Milagrosa e Creche Catarina Labouré (rua Cipriano Barata 2028).
Jardim Maternal O.F.I.D. — As.S. (rua Jorge Velho 96)
Lar do Filho do Trabalhador (Praça da Matriz 80, Freg. do Ó)
Berçário e Escola Maternal Casa Dom Gastão (rua Prates 263)
Creche Mãezinha (estrada de Lagoa 1, Bairro Vallo Velho)
Creche do Centro Social Leão XIII (Rua Sta. Maria Goretti 179)
Creche Lar Dom Orione (rua José Kauer 192)
Creche Marieta Morse (rua cel. Luiz Barros 87)
Creche Nossa Casa da Criança (rua Teodoro Saavedra 9)
Creche Nossa Senhora de Lourdes (rua Catumbi 574)
Creche Nosso Lar (rua Mesquita 720)
Creche Parque Infantil Dom José Gaspar (rua Aurea Batista dos Santos, 675)
Creche Santo Antonio (rua Fiação da Saude 425)
Creche São Luiz de Montfor (Praça Inácio Dias 55)
Lar das Crianças (rua São Luiz 1246)
Lar Escola Bela Vista (Rua Rui Barbosa 611)

No setor de amparo à velhice, existem entre outras, estas entidades:

Associação Esp. Benefic. dr. Adolfo Bezerra de Meneses (rua dr. Vicentina Alegretti 265)
Casa Transitória (av. Condessa Elisabeth de Rubiano 454)
Casa dos Velhinhos de Ondina Lobo (av. São Paulo 265)
Cidade dos Velhinhhos Santa Luiza de Marillac (rua Sábado d'Angelo 1845)